

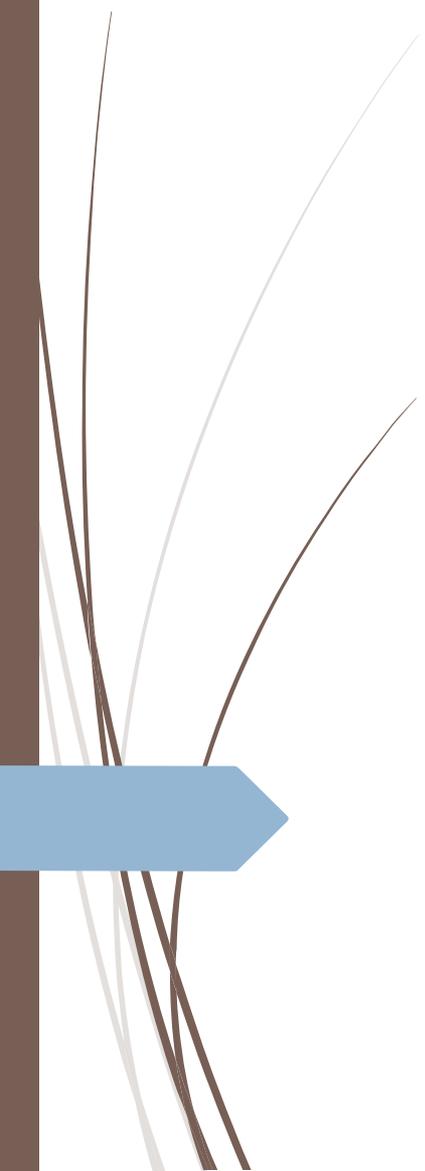
IEB5049 – Fiscalidade no Brasil Colônia e Império

Prof^a. Dr^a. Luciana Suarez Galvão

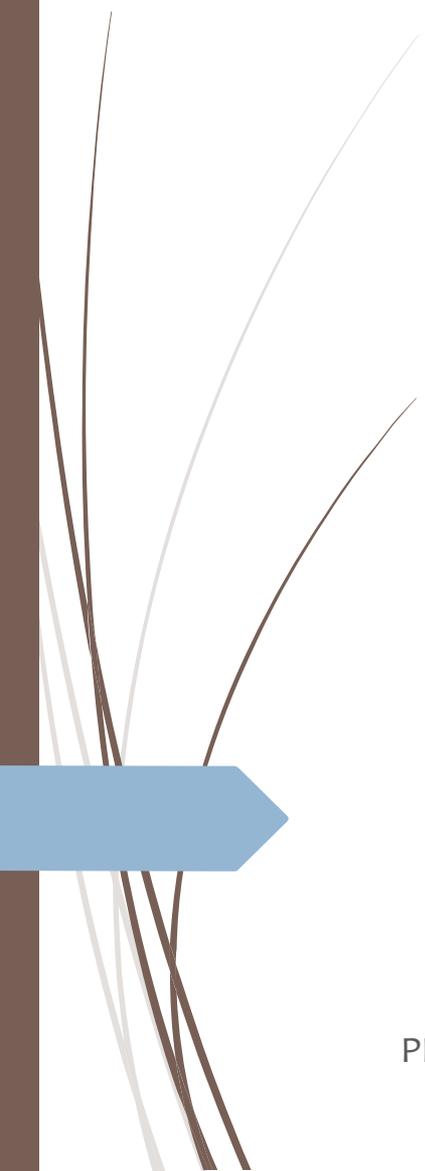


“O Sentido da Colonização”

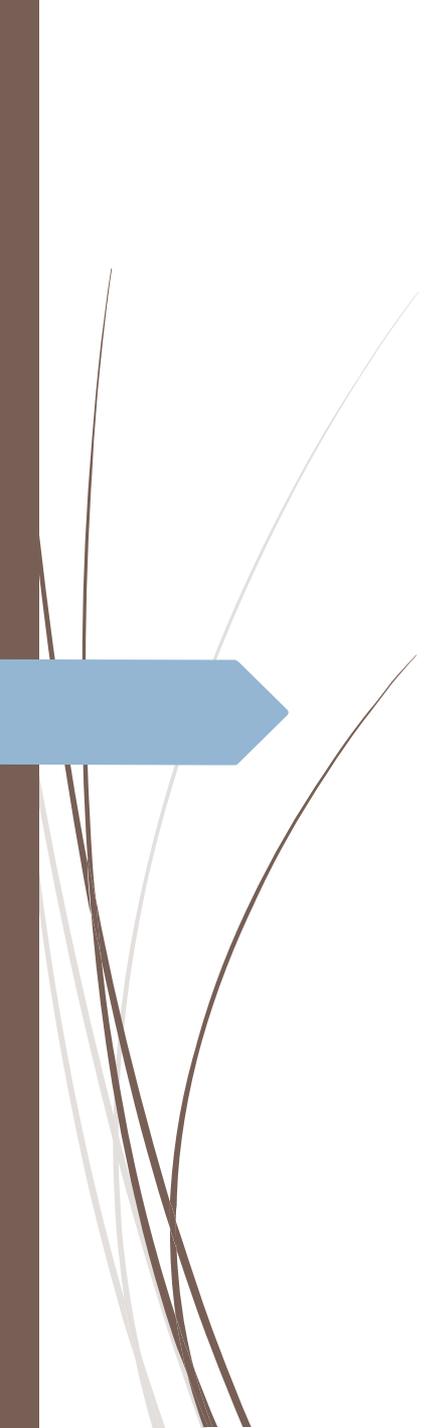
O surgimento e a consolidação do paradigma pradiano



Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo “sentido”. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo.



Aquele “sentido” é o de uma colônia destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais ou minerais de grande importância [...] A nossa economia se subordina inteiramente a este fim. [...] Empresa de colonos brancos acionada pelo braço de raças estranhas, dominadas mas ainda não fundidas na sociedade colonial.

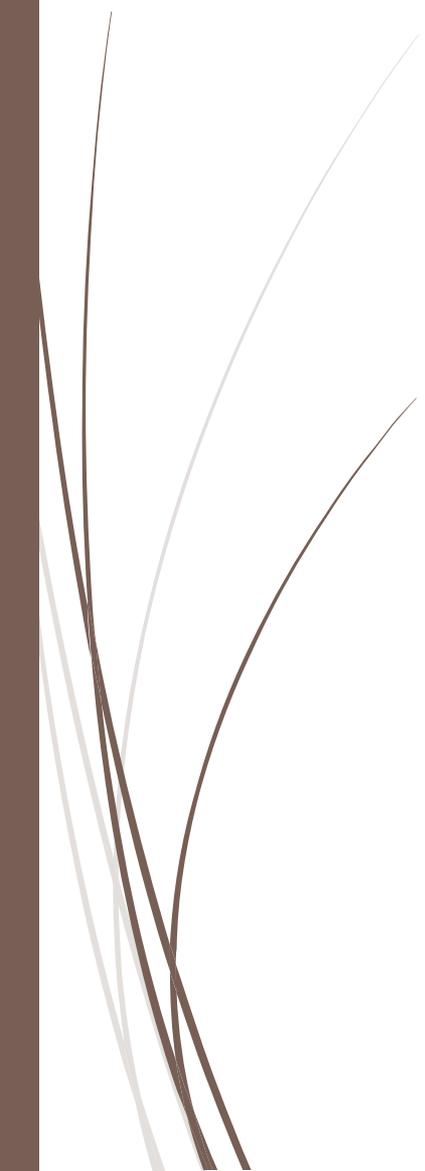


A conturbada década de 1930

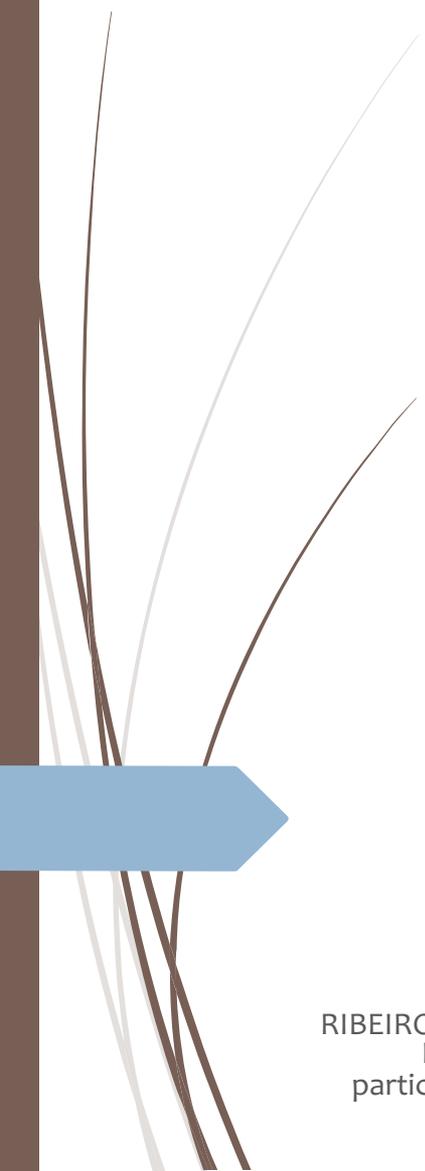
Estado Novo – Nova História



A História Econômica como disciplina no Brasil

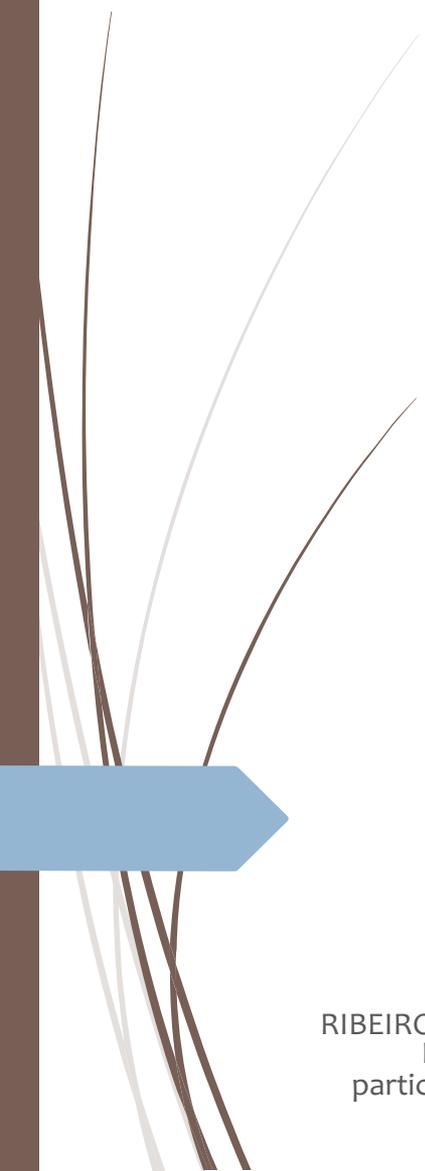
- A crise da década de 1930: café, financeira e política
 - A criação da USP e o estudo sistemático das Ciências Humanas
 - Curso de História da Faculdade de Filosofia
 - Fundação da FEA em 1946
 - Interdisciplinaridade, pesquisa pesquisa documental
 - História Econômica preenchendo lacunas deixadas pela história social e política
- 

Organizar e pesquisar arquivos e estudar as transformações da sociedade brasileira não faziam parte das preocupações da elite econômica, cultural e política do país, mesmo porque não havia um caráter profissional e um resultado monetário na dedicação a esse tipo de trabalho.

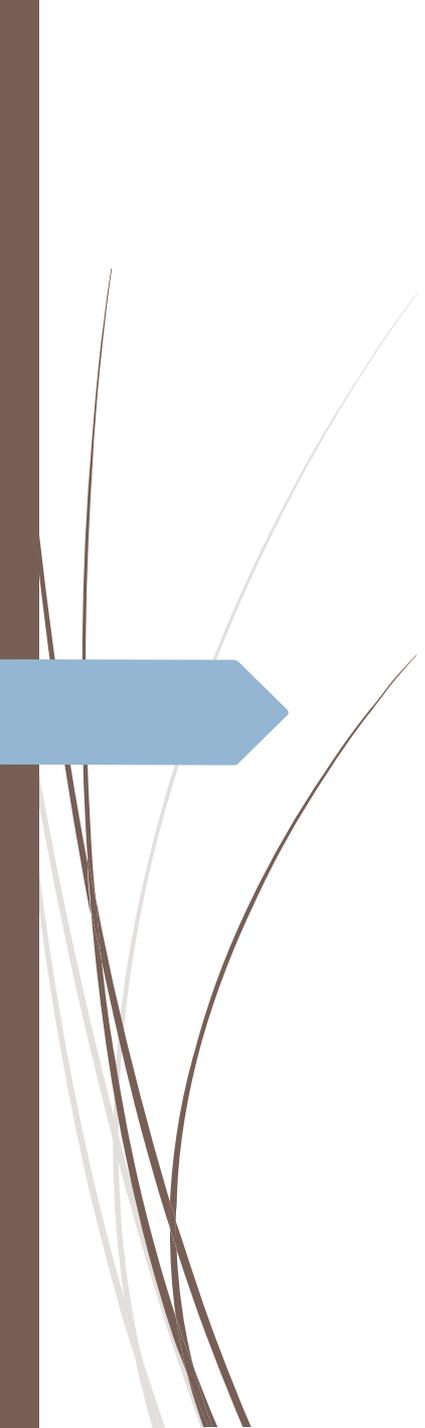


A Universidade de São Paulo rompeu com este estado de coisas e inaugurou uma nova perspectiva para os estudos de História, que receberam as primeiras orientações vindas da missão de professores franceses, da Escola dos Annales.

No curso de História da Faculdade de Filosofia iniciaram-se os estudos de história econômica, sob influência dos métodos e das abordagens europeias, que os fundamentaram até a criação da Faculdade de Economia e Administração em 1946.



Nas atividades de pesquisa, os professores recomendavam aos alunos a escolha de temas de história do Brasil, buscando as ligações entre eles e a história geral. Nascia assim, uma moderna historiografia brasileira.

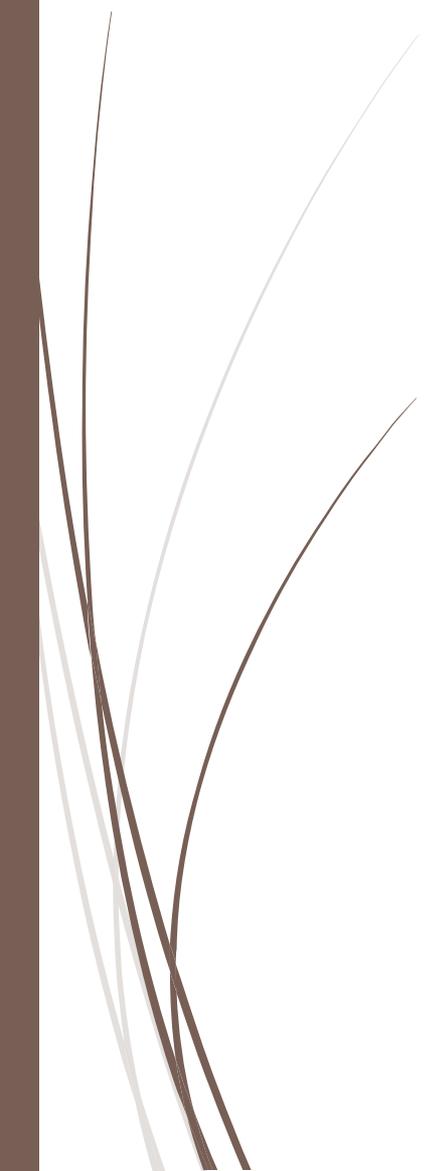


História Econômica no Brasil

o caminho percorrido



Obras de caráter mais descritivo

- ▶ Tratado descritivo do Brasil em 1587 (Gabriel Soares de Sousa)
 - ▶ Diálogo das grandezas do Brasil (Ambrósio Fernandes Brandão, 1618)
 - ▶ Cultura e opulência do Brasil (Antonil, 1711)
- 

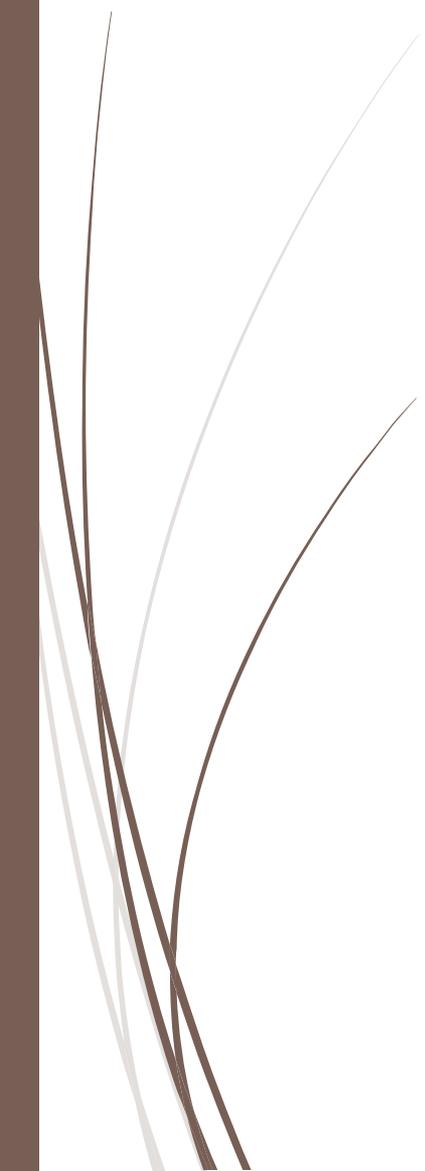


“Quase” história econômica

- Memórias e relatórios
- Entremeados: os acontecimentos históricos e as informações econômicas
- Bons exemplos são os relatórios ministeriais ou os de presidente de província (<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>)
- Relatos dos viajantes estrangeiros (século XIX) (<https://archive.org/details/bnf-bpt6k10494347>)



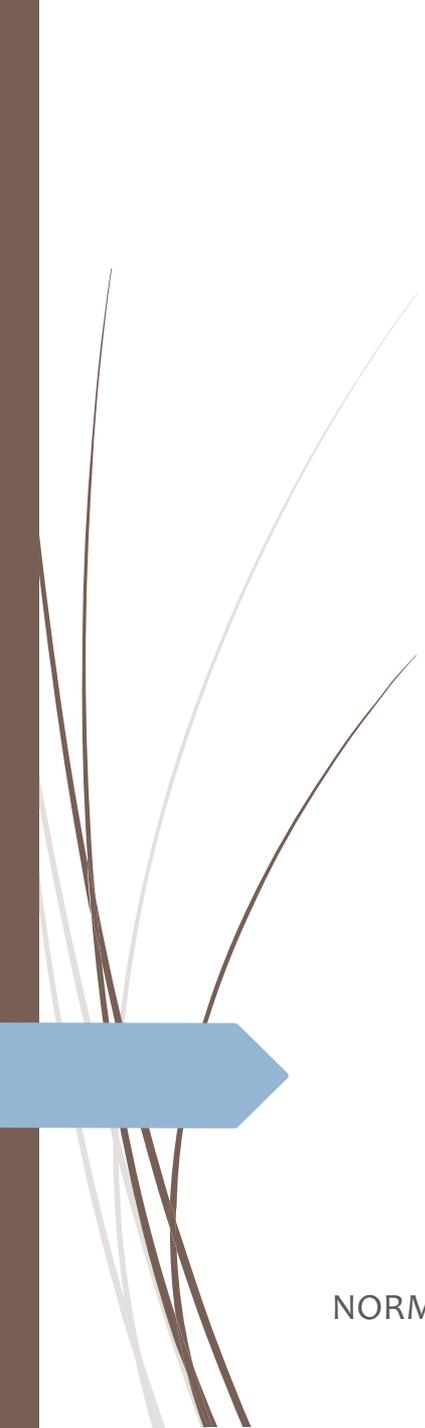
Uma categoria à parte

- ▶ Textos que analisam questões econômicas nacionais sob o ponto de vista exclusivo das políticas monetária e cambial
 - ▶ Exemplos: Amaro Cavalcanti, Castro Carreira, Leopoldo Bulhões e Pandiá Calógeras
- 

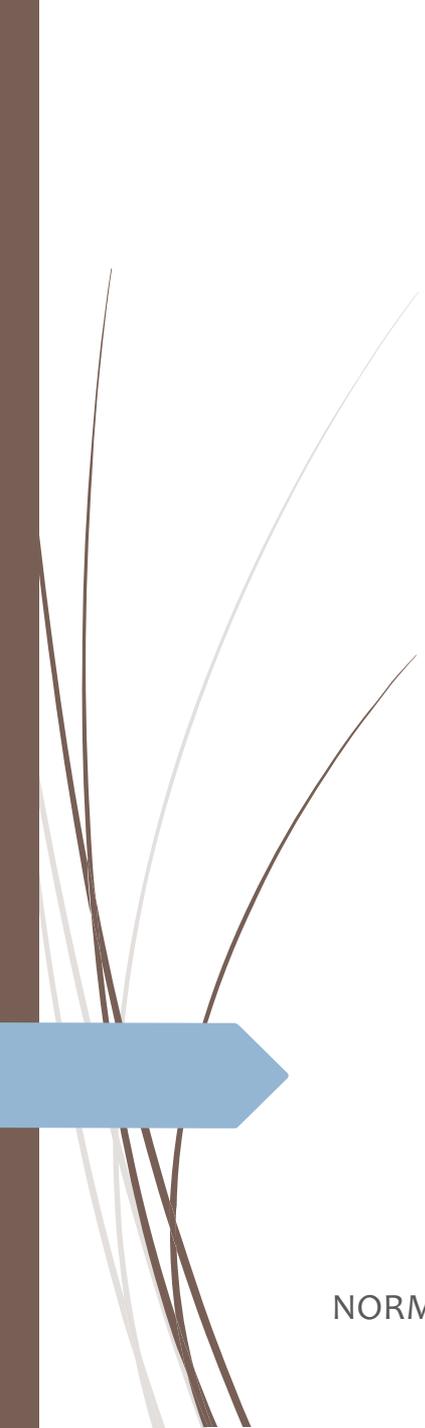


A História Econômica como objeto

- ▶ História da formação econômica do Brasil, de Vitor Viana, 1922
 - ▶ Pontos de partida da história econômica do Brasil, de José Gabriel de Lemos Brito, 1923
 - ▶ Épocas de Portugal econômico: esboços de história, de João Lúcio de Azevedo, 1928 (ideia dos ciclos na economia colonial)
 - ▶ Evolução econômica do Brasil, de John F. Normano, 1938 (enfoque quantitativo; índices estatísticos; fontes primárias)
- 



A história da economia brasileira [...] constitui, na verdade, a história do aparecimento e desaparecimento por assim dizer de sistemas econômicos inteiros em que uma nação baseia sua existência. A sua característica principal é a permanente mudança das condições dos produtos que poderemos chamar de ‘produtos-reis’.



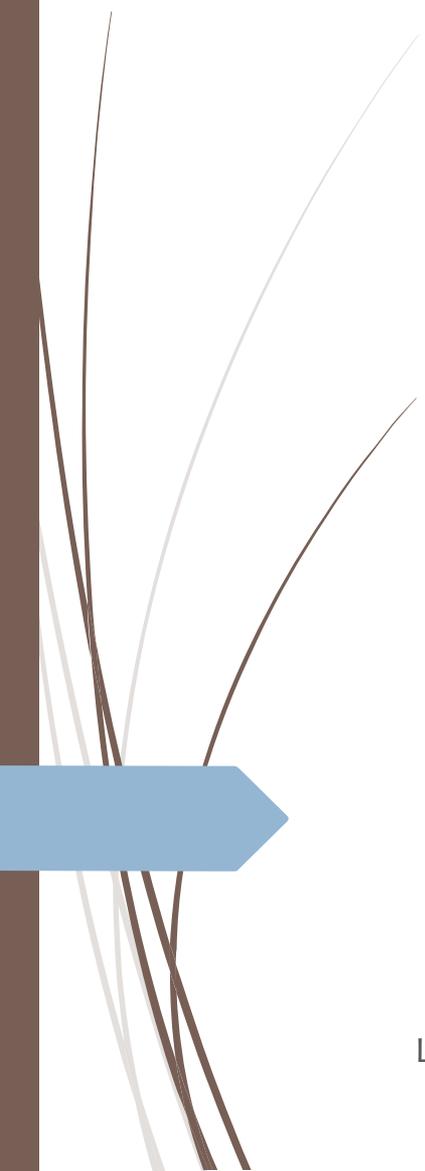
Açúcar, cacau, ouro, fumo, borracha, café – cada um desses produtos tem o seu lugar na história do país e foram, cada um no seu tempo, o ‘eixo’ da economia nacional (ou estadual), dando ao Brasil uma supremacia mundial temporária.



Roberto Simonsen e seus “ciclos”

- História Econômica do Brasil, 1500-1820 (1937)
 - Considerado o ápice da teoria dos ciclos
 - Jacob Gorender: “foi com a História econômica do Brasil, de Roberto Simonsen, que a teoria dos ciclos atingiu seu acabamento”
 - Francisco Iglésias: “Vale mais como estudos de diferentes aspectos que visão de conjunto, pois lhe falta o sentido de totalidade”
- 

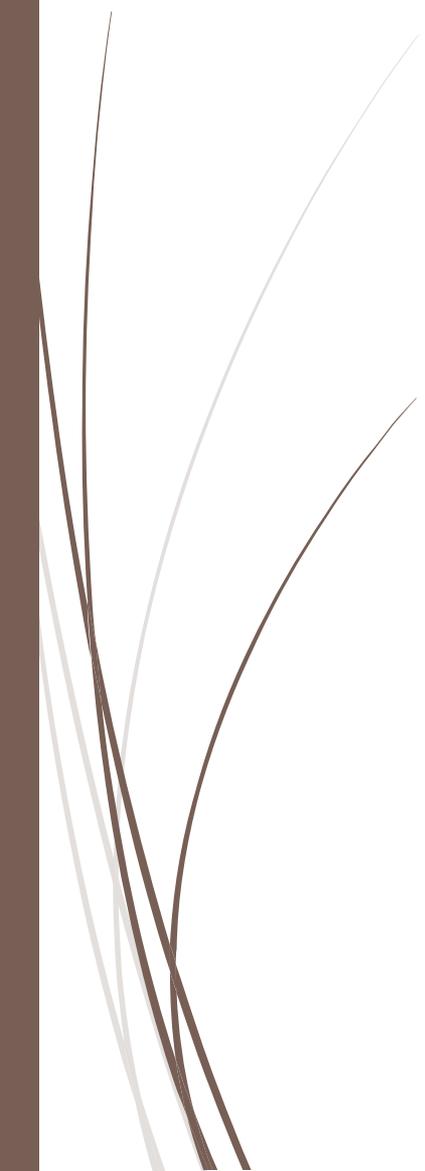
[...] ciclo, fase ou época aparecem como termos sinônimos cuja função central é de periodizar ou, por outra, organizar logicamente (e de acordo com uma cronologia estabelecida previamente) as diversas matérias. Em suma, é um recurso do historiador visando à organização expositiva da matéria. [...]

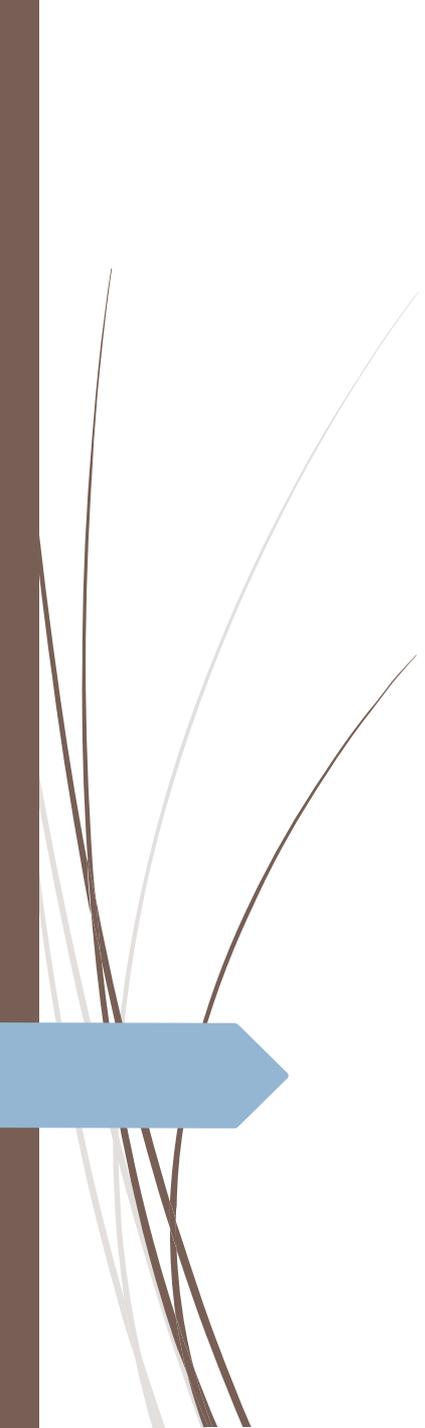


Entretanto, tal concepção só tem favorecido uma visão compartimentada e estanque da história, como numa projeção de diapositivos: sai o pau-brasil, entra o açúcar e assim por diante. Durante o período de dominância do ouro ou dos diamantes, o aluno de história [...] poderia indagar se o açúcar, ou mesmo o Nordeste, continua existindo.



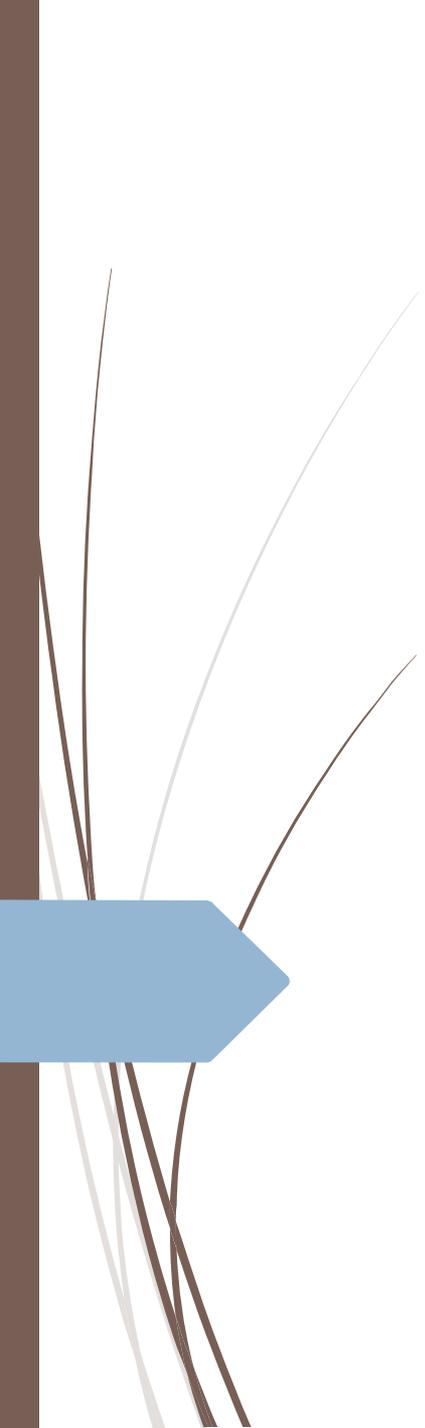
Caio Prado Júnior e o “amálgama” dos ciclos

- ▶ Formação do Brasil Contemporâneo: colônia (1942)
 - ▶ Considera o processo econômico globalmente (Francisco Iglésias)
 - ▶ Observa os ciclos como manifestações sequenciais de algo mais profundo (Jacob Gorender)
 - ▶ Sob as várias formas da produção colonial estava subjacente uma estrutura homogênea (Alice P. Canabrava)
- 



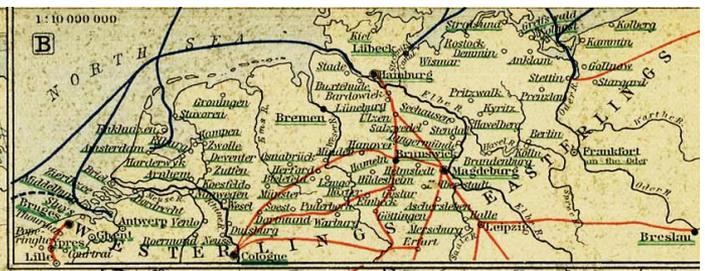
O Sentido da Colonização

Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo “sentido”. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo.



Relembrando o “sentido”

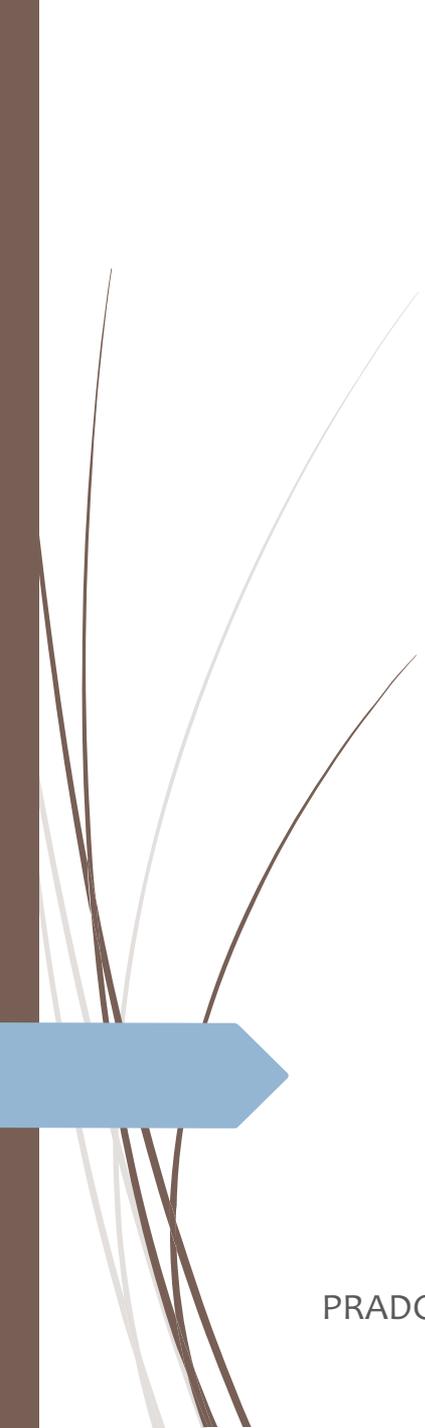
Formação do Brasil Contemporâneo: colônia



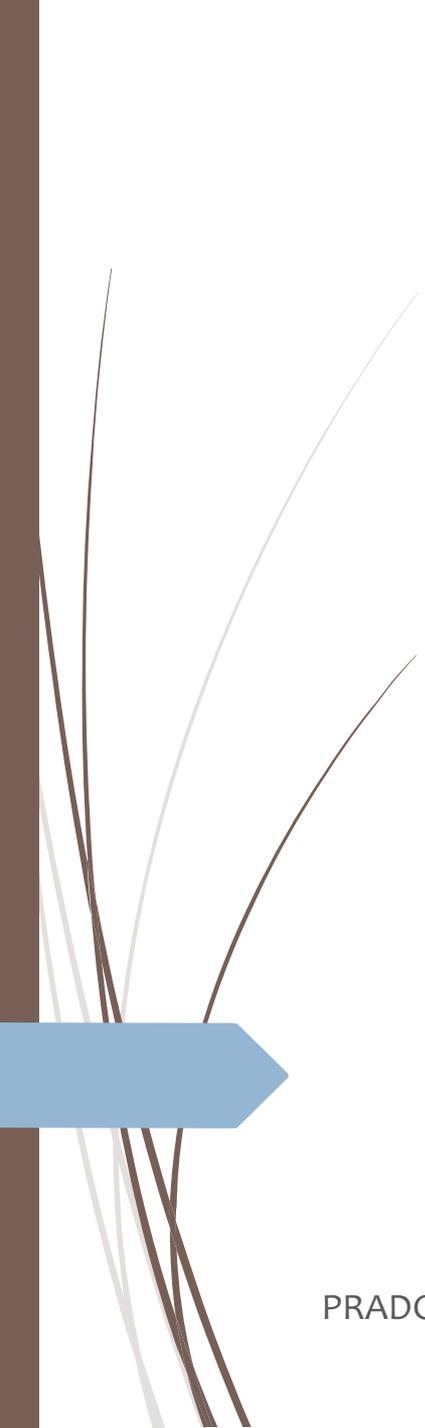
——— Land routes
 ——— Sea
 ——— of the Hanseatic League (Hansa)
 ——— of Venetians (In possession, also, of most of the commerce in the Black-Sea.)
 ++++ Centres of the Hanseatic League
 + Foreign offices of the
 + Soest Cities belonging to
 + Foreign cities in which the Hanseatic League, or any of its members, possessed trading privileges
 + Principal markets and fairs
 + Alpine passes. For further details in reference to the Alpine passes used in the Middle Ages, see p. 91.

Scale 1:20,000,000

Miles 0 100 200 300 400



*Se vamos à essência da nossa formação,
veremos que na realidade nos constituímos para
fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros;
mais tarde ouro e diamantes; depois algodão e
em seguida café, para o comércio europeu.
Nada mais que isso.*

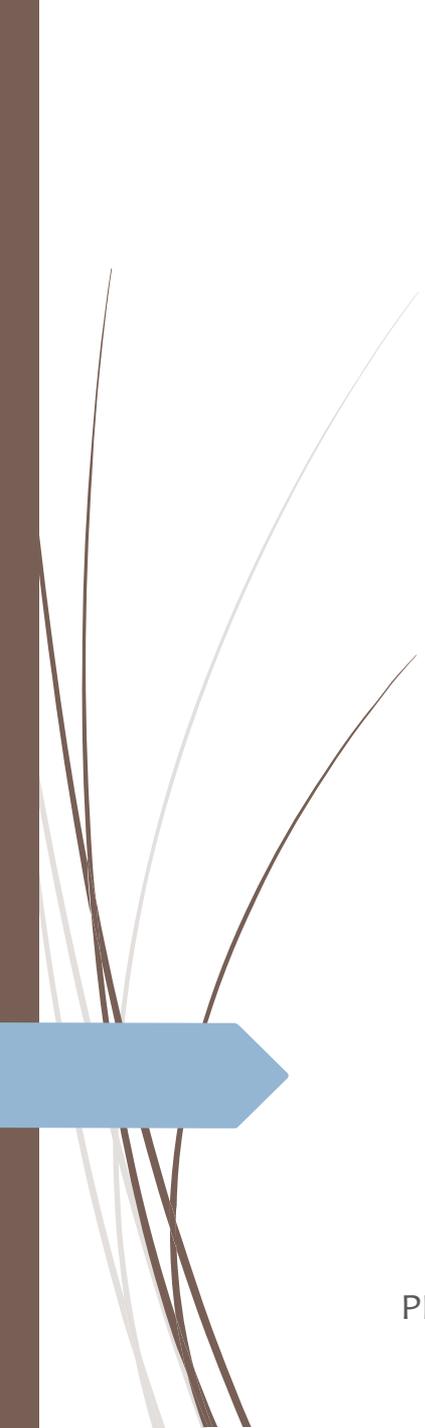


É este o verdadeiro sentido da colonização tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos.

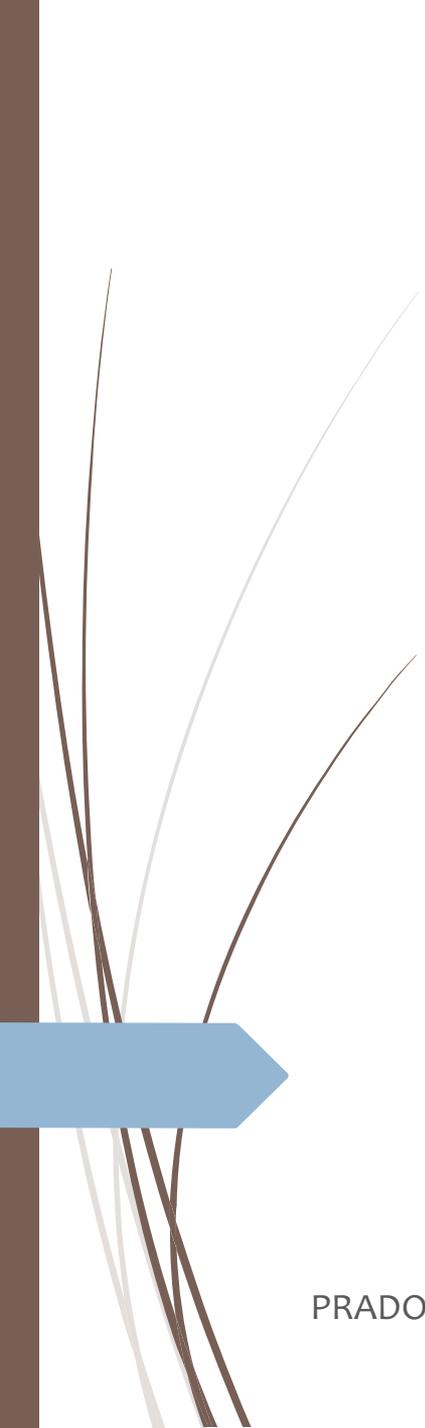


Da expansão comercial à colonização das terras americanas

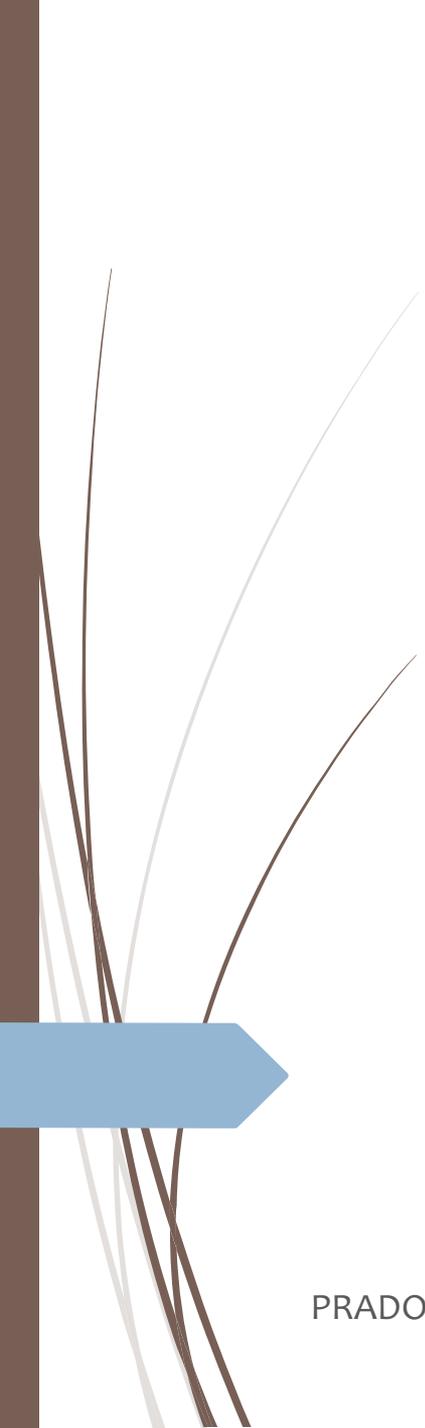
- Expansão comercial europeia no contexto da transição do feudalismo para o capitalismo
 - O pioneirismo de Portugal
 - Colonização americana toma aspecto de uma “vasta empresa comercial”
 - O colonizador é o traficante, o empresário e não o povoador
 - A economia colonial tem caráter predatório
 - Grande propriedade, monocultura e trabalho escravo
- 



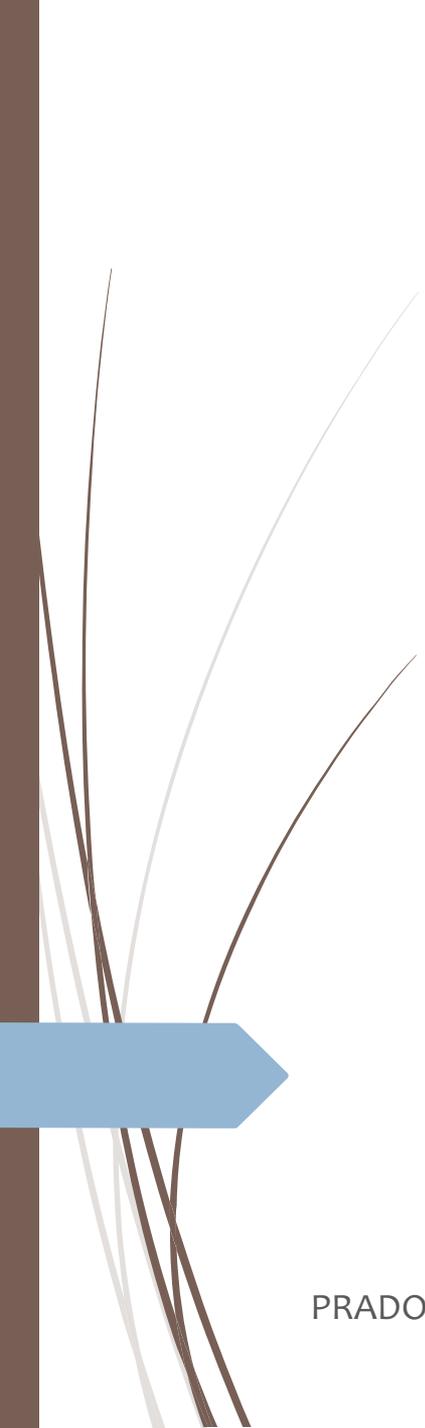
[...] o caráter tropical da terra, os objetivos que animam os colonizadores, as condições gerais dessa nova ordem econômica do mundo que se inaugura com os grandes descobrimentos ultramarinos [...] São estes, em última análise, os fatores que vão determinar a estrutura agrária do Brasil-colônia.



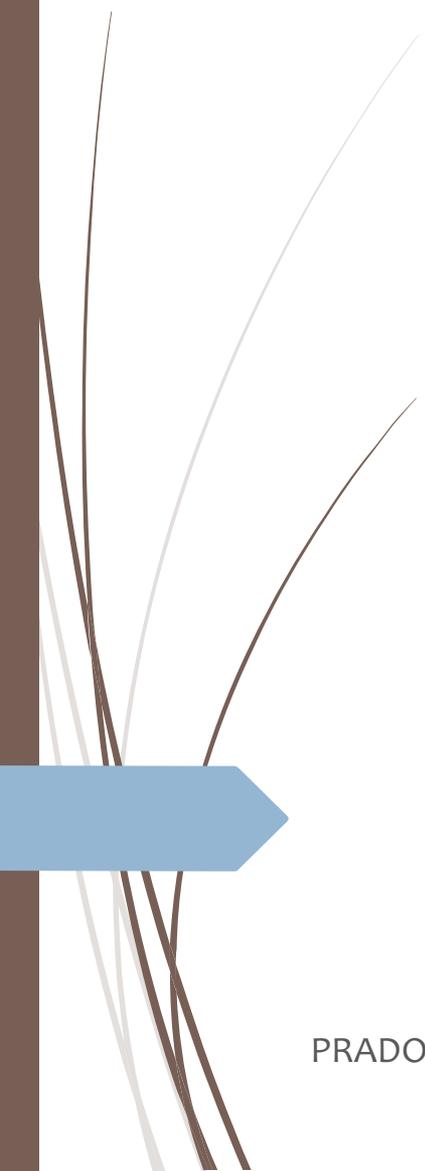
Na agricultura [...] o elemento fundamental será a grande propriedade monocultural trabalhada por escravos [...] A grande exploração agrária – o engenho, a fazenda –, é consequência natural e necessária de tal conjunto; resulta de todas aquelas circunstâncias que concorrem para a ocupação e aproveitamento deste território que havia de ser o Brasil [...]



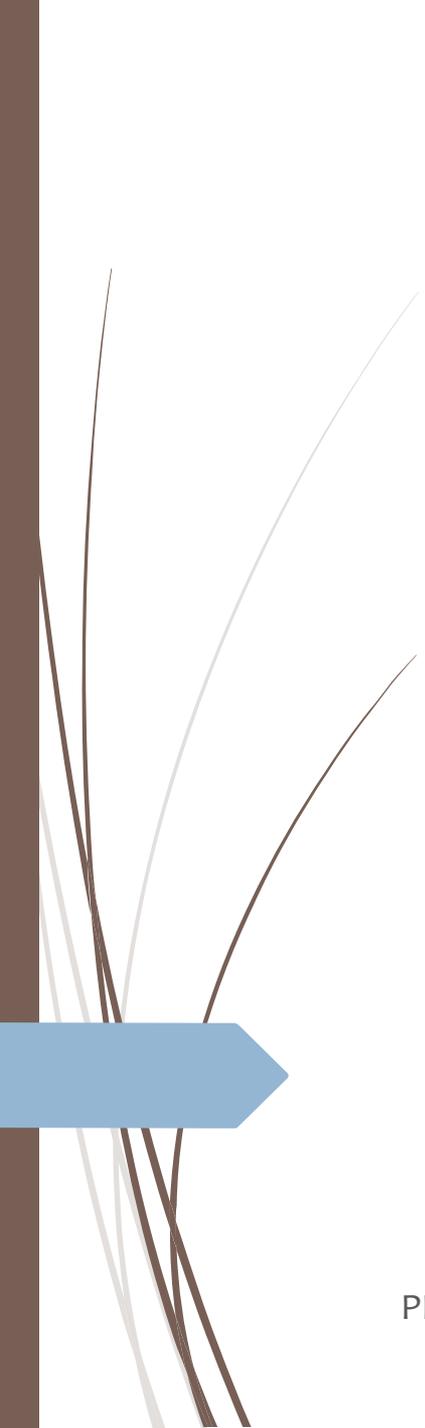
A monocultura acompanha necessariamente a grande propriedade tropical; os dois fatos são correlatos e derivam das mesmas causas. A agricultura tropical tem por objetivo único a produção de certos gêneros de valor comercial e por isso altamente lucrativos. [...] É fatal portanto que todos os esforços sejam canalizados para aquela produção.



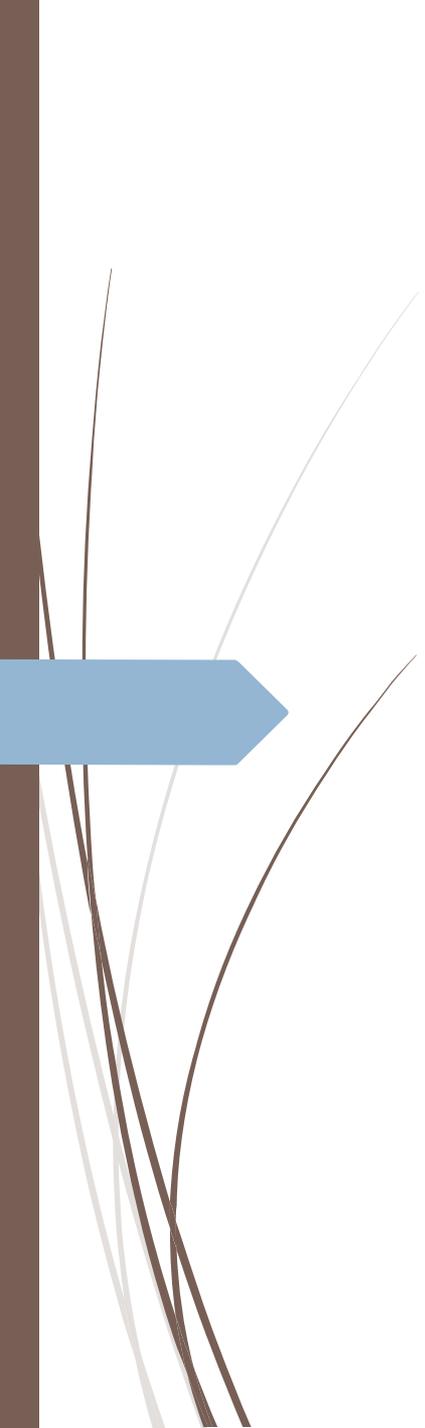
Com a grande propriedade monocultural instala-se no Brasil o trabalho escravo. Não só Portugal não contava população suficiente para abastecer a colônia de mão de obra, como também, já o vimos, o português, como qualquer outro colono europeu, não emigra para os trópicos, em princípio, para se engajar como simples trabalhador assalariado do campo.



A escravidão torna-se assim necessidade: o problema e a solução foram idênticos em todas as colônias tropicais e mesmo subtropicais da América.

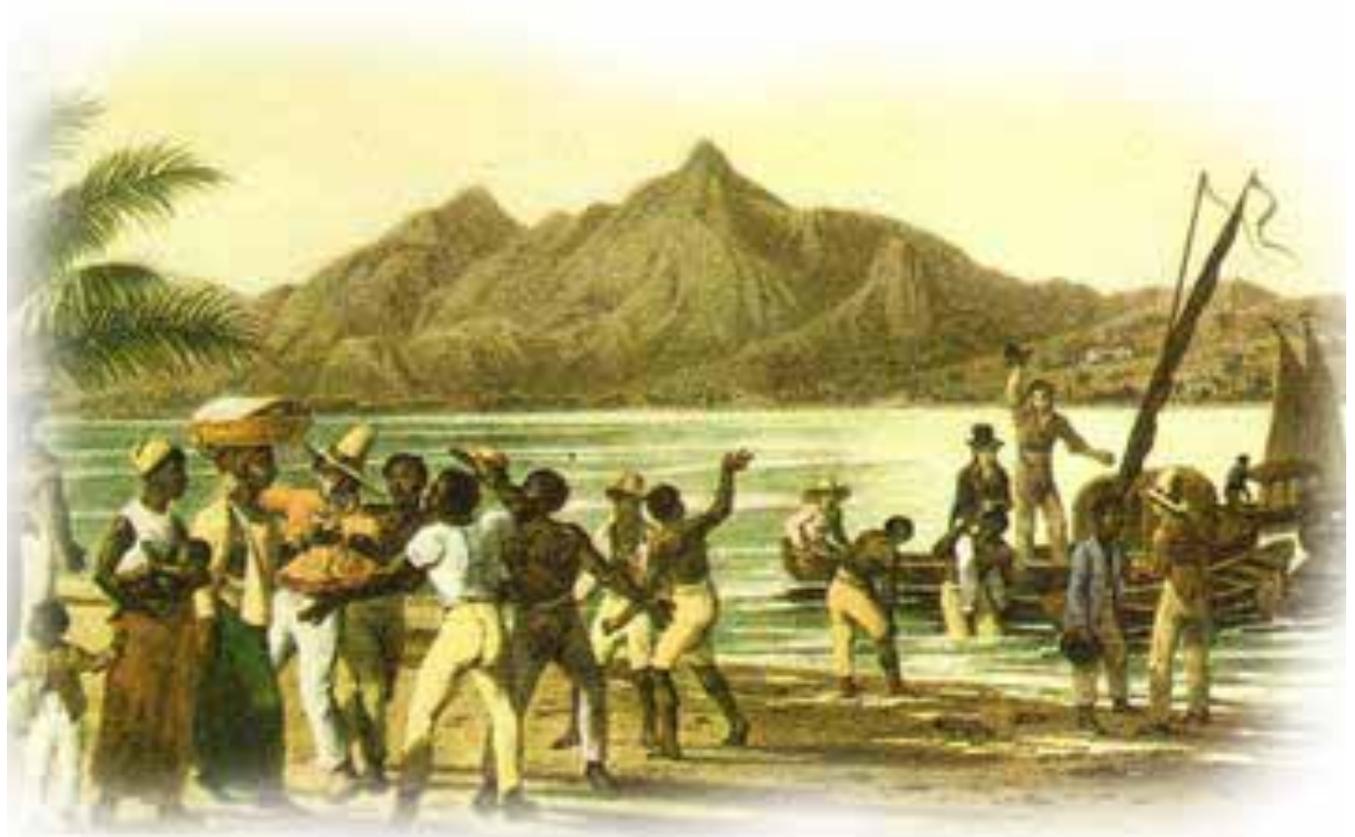


Completam-se assim os três elementos constitutivos da organização agrária do Brasil colonial: a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo. Estes três elementos se conjugam num sistema típico, a “grande exploração rural” [...] é isto que constitui a célula fundamental da economia agrária brasileira.



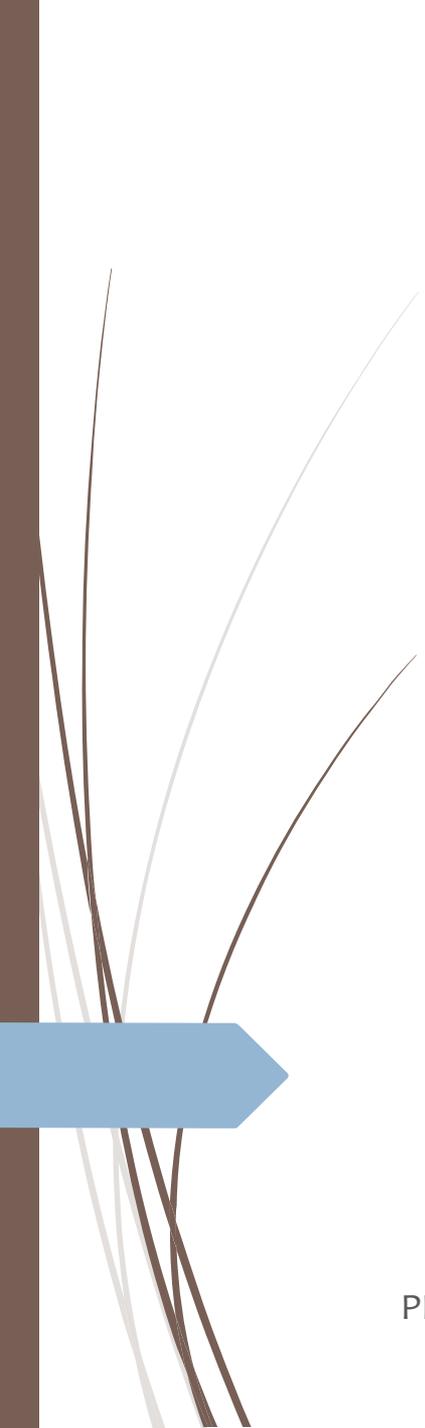
A organização das demais atividades econômicas

E consequências sociais dessa estrutura

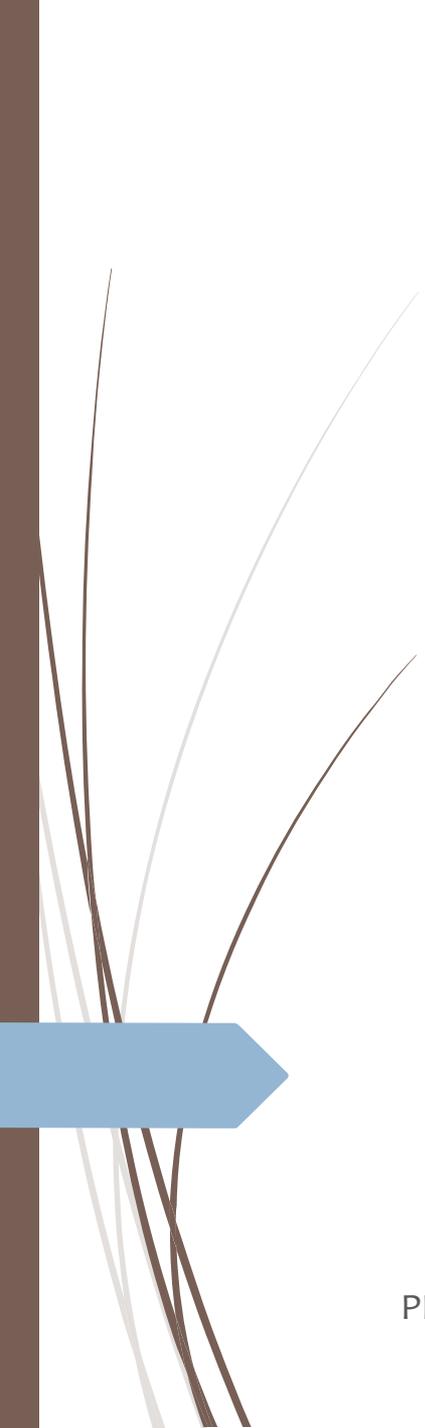


“O ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado de muitos”

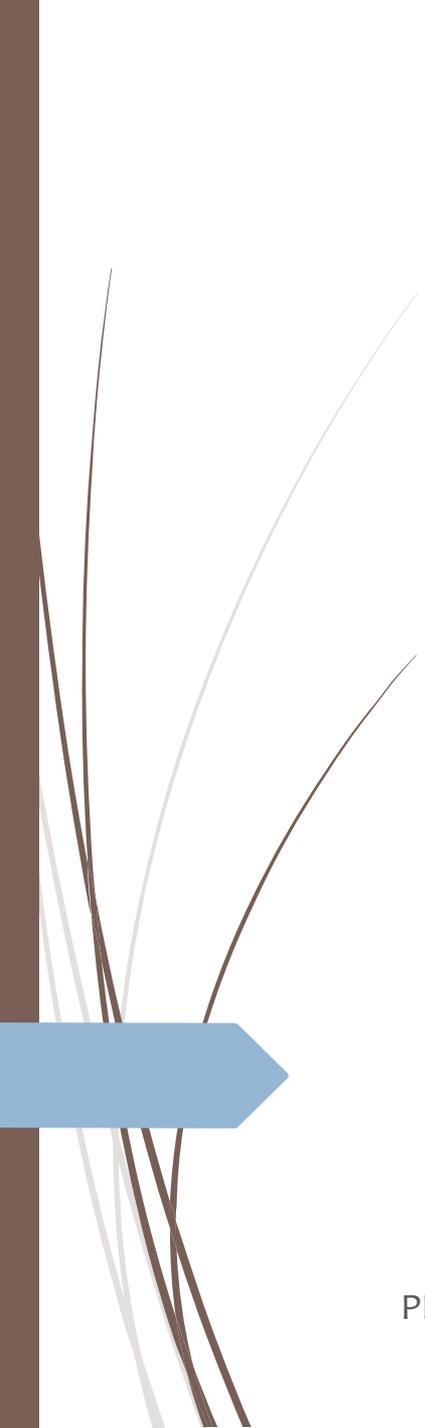
(ANDREONI, João Antonio (Antonil). Cultura e opulência do Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967. Texto da edição de 1711, p. 139)



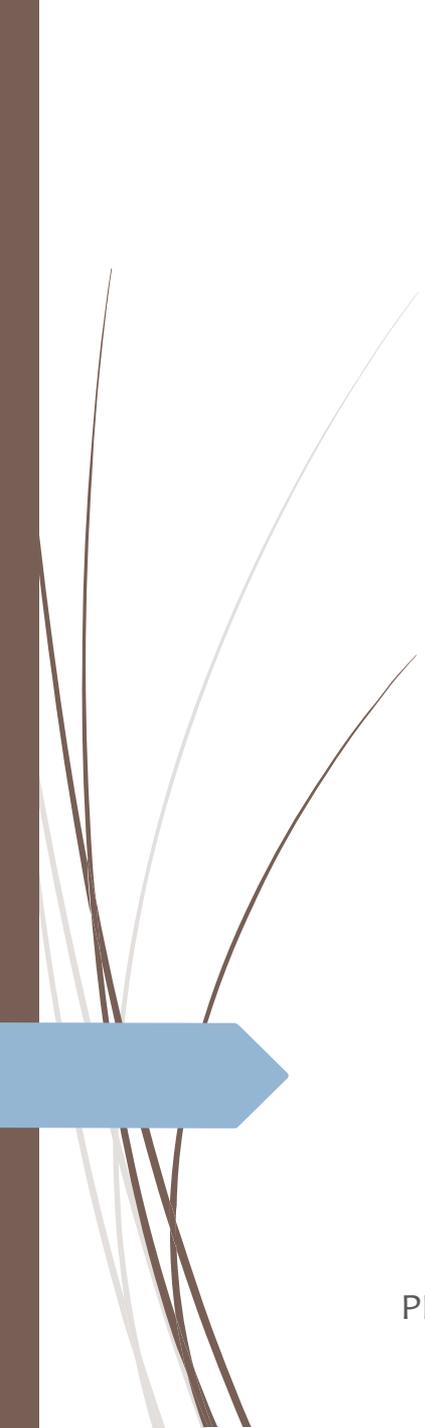
O traço essencial das grandes lavouras é, como afirmei, a exploração em larga escala. Cada unidade produtora, conjugando áreas extensas e numerosos trabalhadores, constitui-se como uma usina, com organização coletiva do trabalho e mesmo especializações.



[...] a mineração, que a partir do século XVIII formará a par da agricultura entre as grandes atividades da colônia, adotará uma organização que afora as distinções de natureza técnica, é idêntica à da agricultura [...] É ainda a exploração em larga escala que predomina: grandes unidades trabalhadas por escravos.



[o extrativismo] Organizar-se-á de forma diferente, porque não terá como base a propriedade territorial. [...] Trata-se em suma de uma exploração primitiva e rudimentar [...] Mas afora isto, a extração não se distingue, na organização do seu trabalho e estruturação econômica, dos demais setores da atividade colonial.

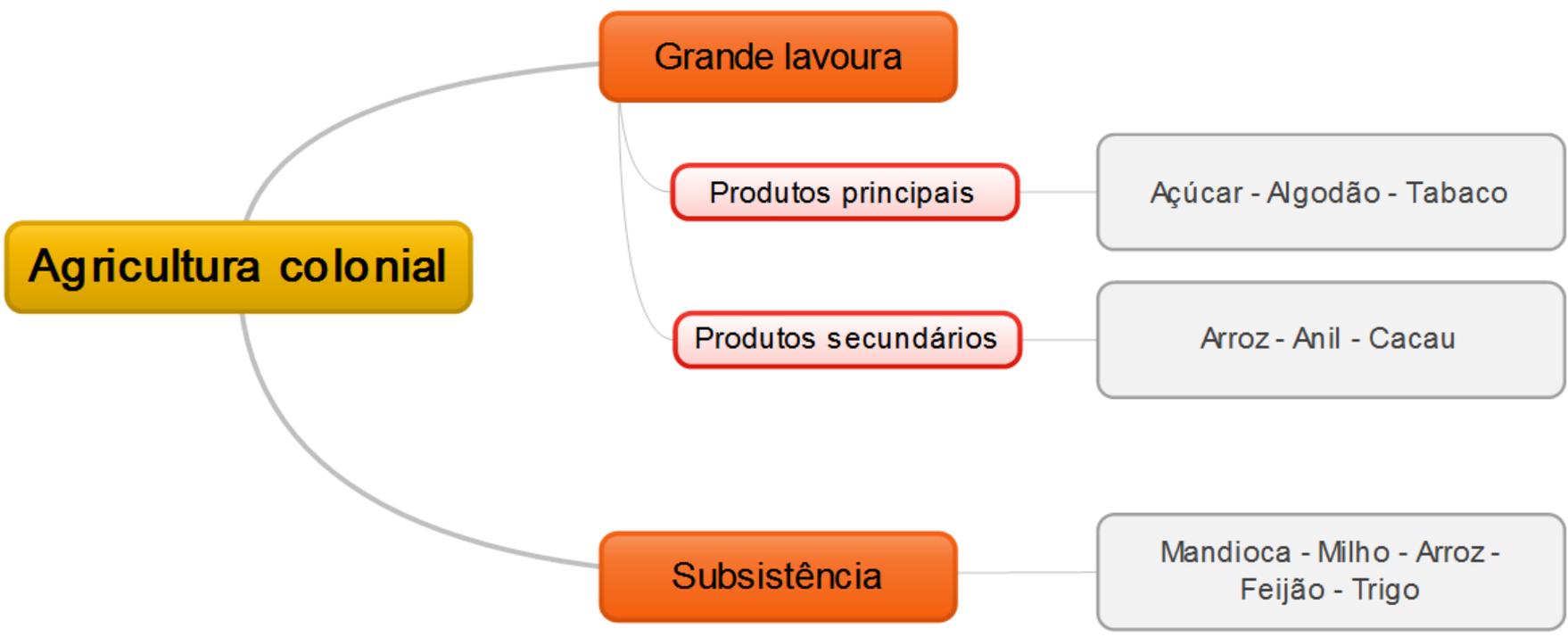


Além dessas atividades fundamentais [...] poderíamos acrescentar outras, como a pecuária, certas produções agrícolas, em suma aquelas atividades que não têm por objeto o comércio externo, como as que acabamos de ver. Mas não podemos colocá-las no mesmo plano, pois pertencem a outra categoria, e categoria de segunda ordem.



Grande Lavoura *versus* Agricultura de Subsistência

- ▶ Técnicas agrícolas: “rotina e ignorância”
- ▶ Considerações válidas para as duas atividades
 - ▶ Observação: ele considera o Antonil como fonte para falar sobre os engenhos arcaicos
 - ▶ Agricultura em geral: monjolo e roda d’água
 - ▶ Técnicas rudimentares no beneficiamento do algodão
- ▶ O problema da “subsistência” e do “autoconsumo”
- ▶ Setor de subsistência: categorias inferiores da colonização; elemento humano residual



Agricultura colonial

Grande lavoura

Produtos principais

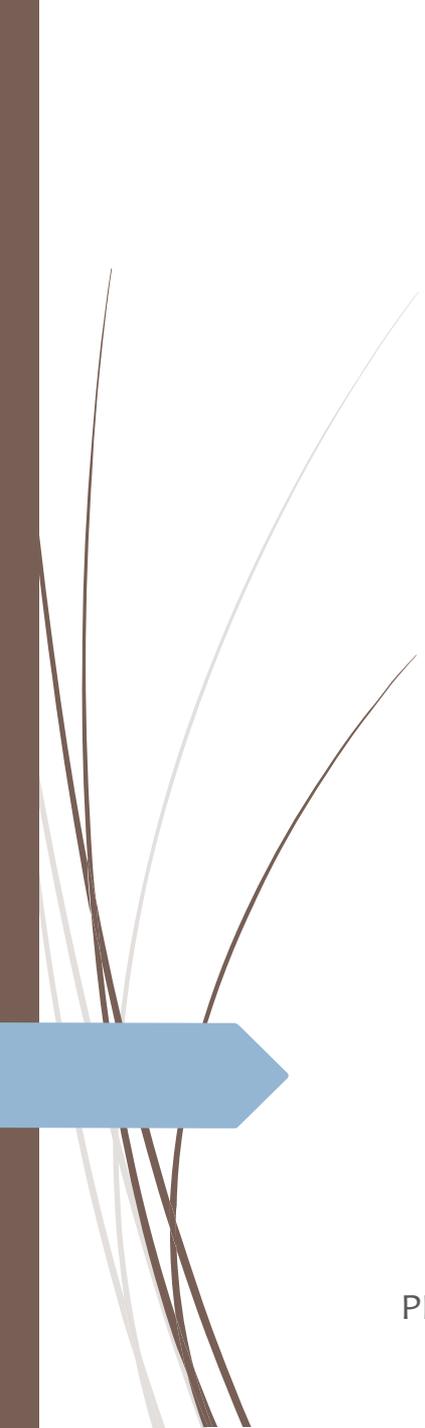
Açúcar - Algodão - Tabaco

Produtos secundários

Arroz - Anil - Cacau

Subsistência

Mandioca - Milho - Arroz -
Feijão - Trigo



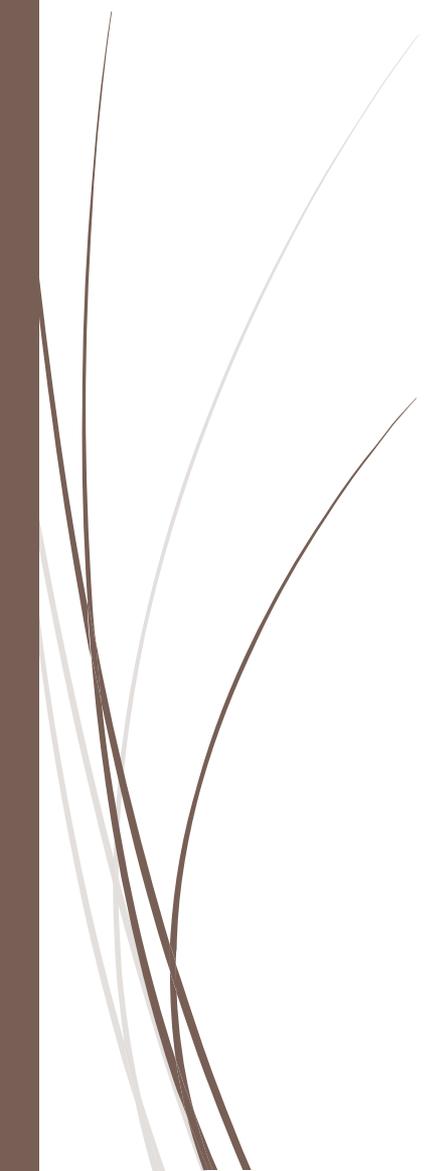
A mediocridade desta mesquinha agricultura de subsistência que praticam, e que nas condições econômicas da colônia não podia ter senão este papel secundário e de nível extremamente baixo, leva para elas, por efeito de uma espontânea seleção social, econômica e moral, as categorias inferiores da colonização.



Não encontramos aí, por via de regra, senão um elemento humano, residual, sobretudo mestiços do índio que conservaram dele a indolência [...] Ou então brancos degenerados e decadentes.



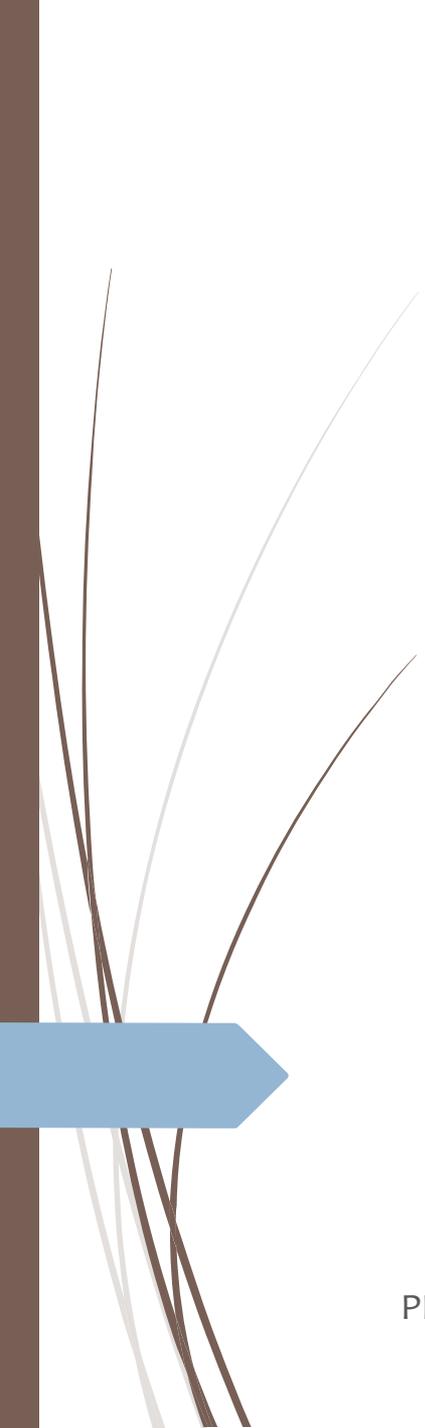
Consequências dessa estrutura

- 
- Concentração da riqueza
 - Economia voltada para fora: fornecendo gêneros tropicais para o comércio europeu
 - Sociedade dicotômica: senhores e escravos
 - “Formas inorgânicas”: à margem da estrutura
 - Evolução cíclica

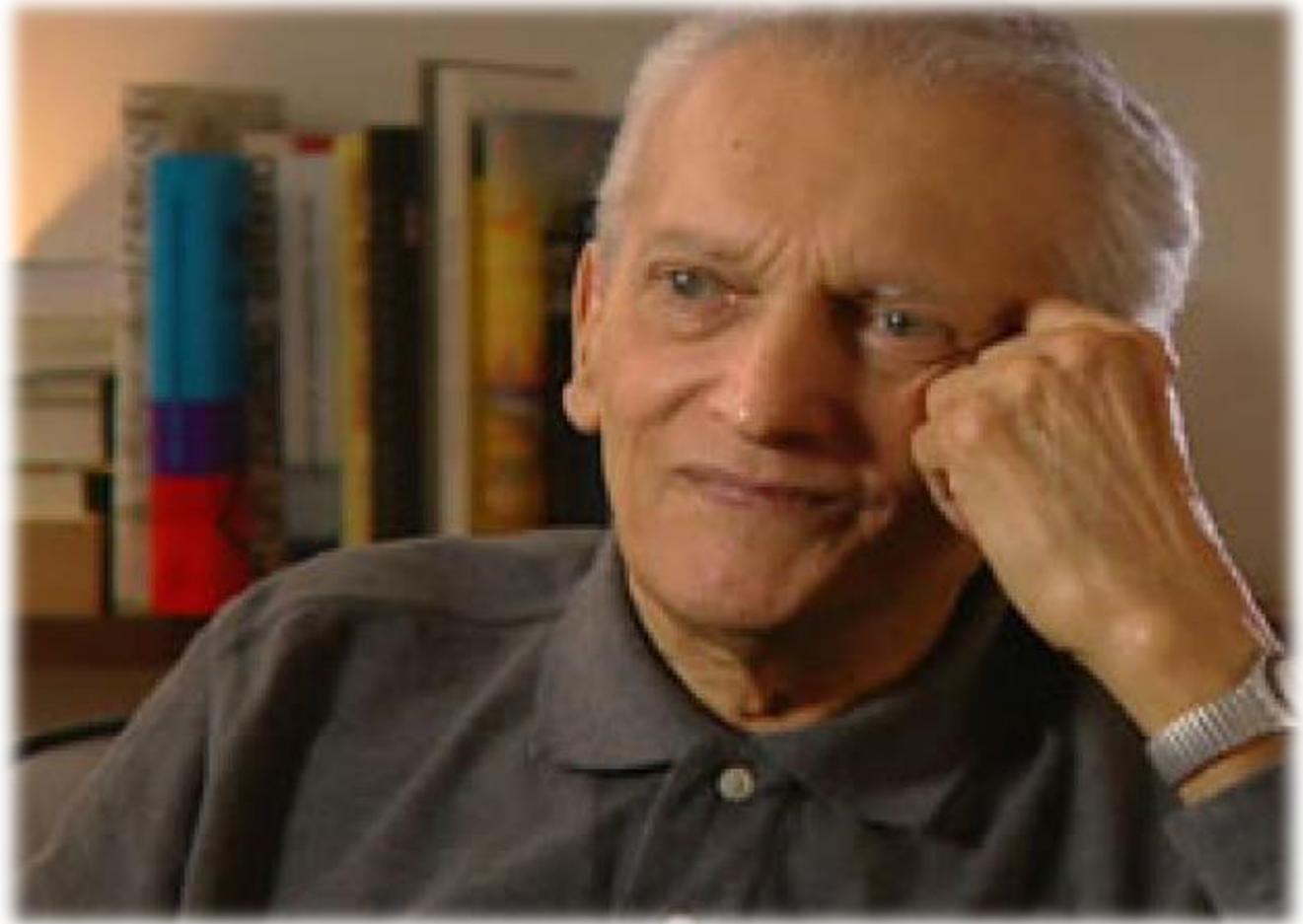


A mestiçagem e o problema das raças dominantes

- Conceitos de raças dominantes e dominadas
 - O branco aparece como superior às demais, mas superior que corrompe
 - Miscigenação como resultado das necessidades sexuais da raça branca dominante
- 



A mestiçagem brasileira é antes de tudo uma resultante do problema sexual da raça dominante, e tem por centro o colono branco. Neste cenário em que três raças, uma dominadora e duas dominadas, estão em contato, tudo naturalmente se dispõe ao sabor da primeira, no terreno econômico e no social, e em consequência no das relações sexuais também.



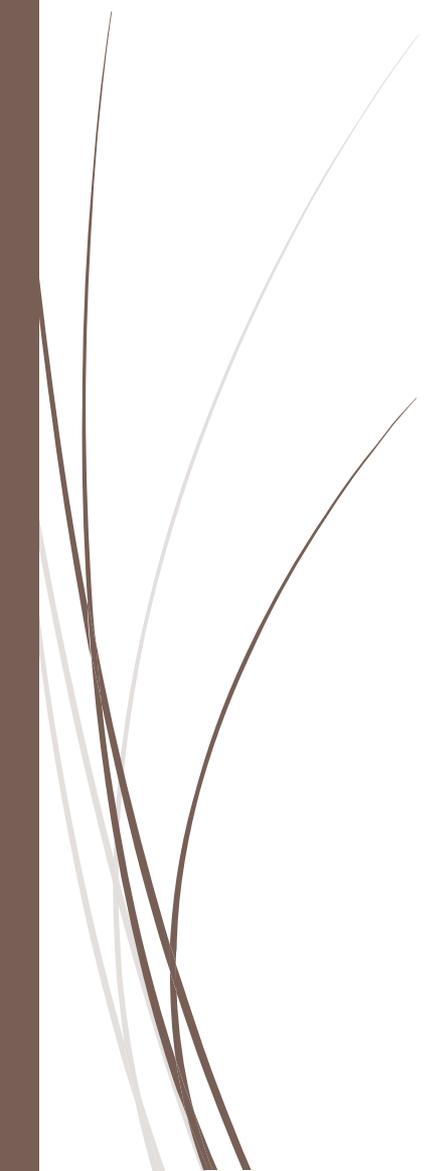
A contribuição de Celso Furtado

Pombal, Paraíba, 1920-2004

O Longo Amanhecer: <https://youtu.be/COuCEEydsnE>



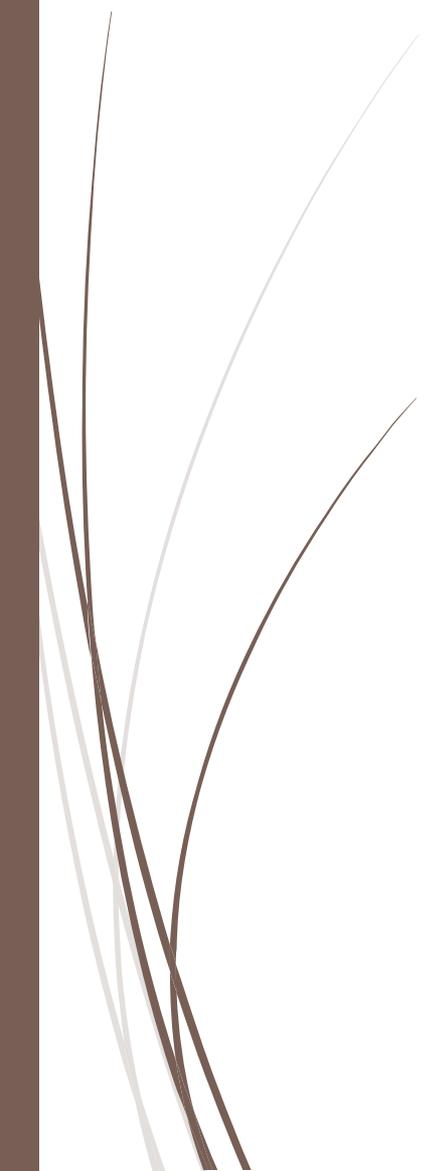
Celso Furtado



- ▶ Historiador econômico sem ser economista e nem historiador
- ▶ Bacharel em direito pela UFRJ (1944)
- ▶ Serviu na FEB, na Itália (1944)
- ▶ Doutorado na Sorbonne: curso “Estudos Superiores em Economia” (1946-1948)
 - ▶ Tese: Economia Colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII (1948)

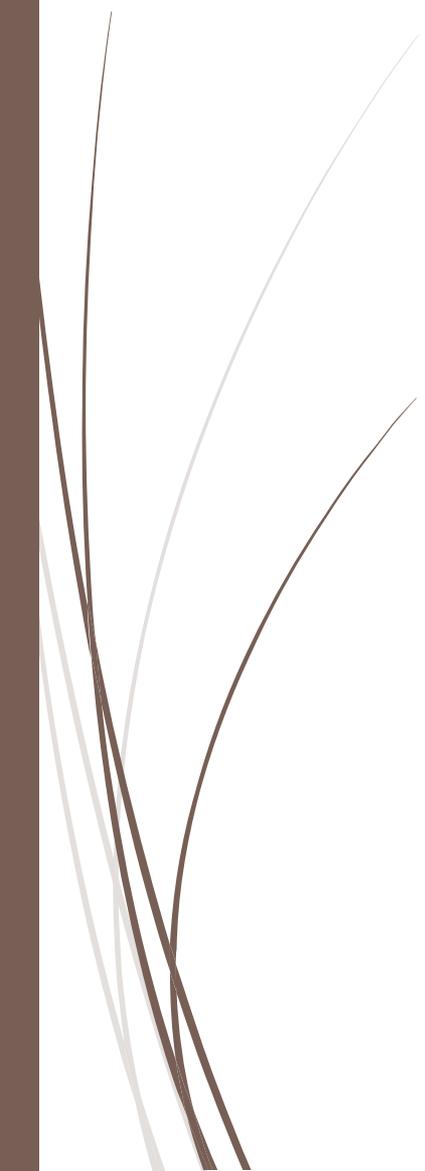


Celso Furtado

- CEPAL (1949)
 - Grupo Misto CEPAL-BNDE, base do Plano de Metas
 - Cambridge (1957): estudos de pós-graduação – FEC
 - BNDE (1958)
 - SUDENE (1960)
 - Ministério do Planejamento (1962) e Plano Trienal
 - Cassado pelo golpe (1964)
- 



Publicações



- Tese defendida na Sorbonne, 1948
- Artigo: “Características gerais da economia brasileira”, Revista Brasileira de Economia, 1950
- Livro “A Economia Brasileira”, 1954
- Livro “Formação Econômica do Brasil”, 1959

celso furtado

economia colonial
no brasil nos
séculos xvi e xvii

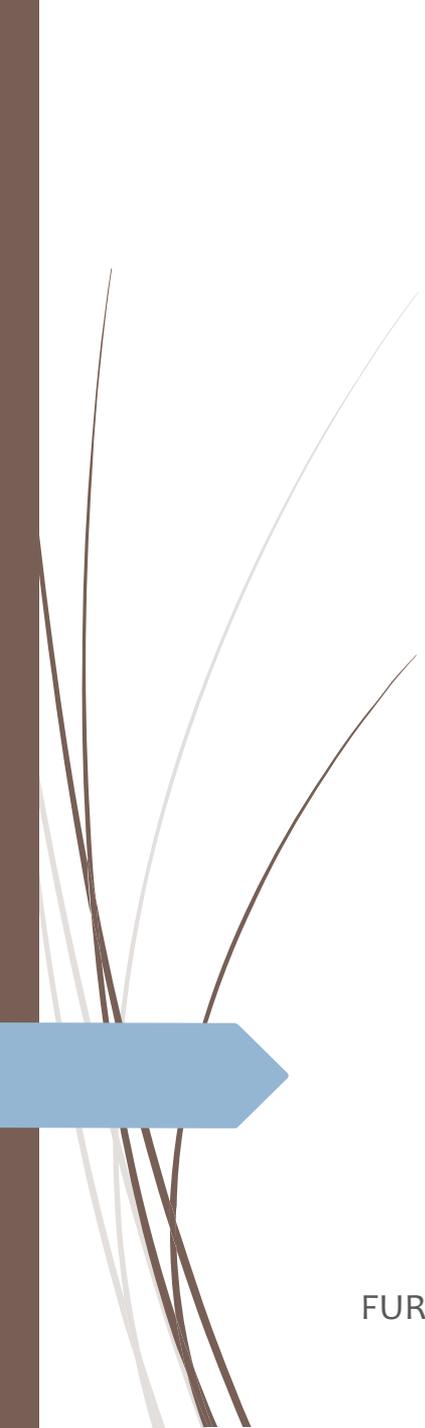


hucitec / abphe

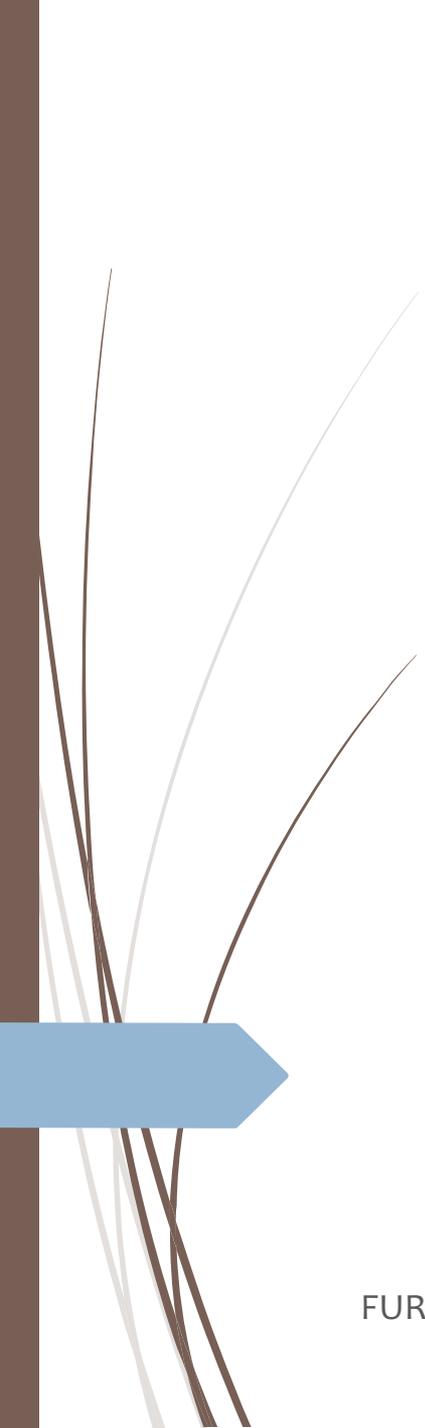
Tese de doutorado de Celso Furtado (1948)

Orientador: Maurice Byé

Defendida na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris em 1948. Publicada pela ABPHE em 2001.



Escrevi este ensaio numa fase histórica em que nosso país emergia de quinze anos de ditadura [...] Muitos de nós se interrogavam sobre o que fazer, certos de que viviam uma dessas épocas privilegiadas em que tomamos consciência de que o futuro depende de nosso comportamento presente e por isso nos sentimos desafiados.



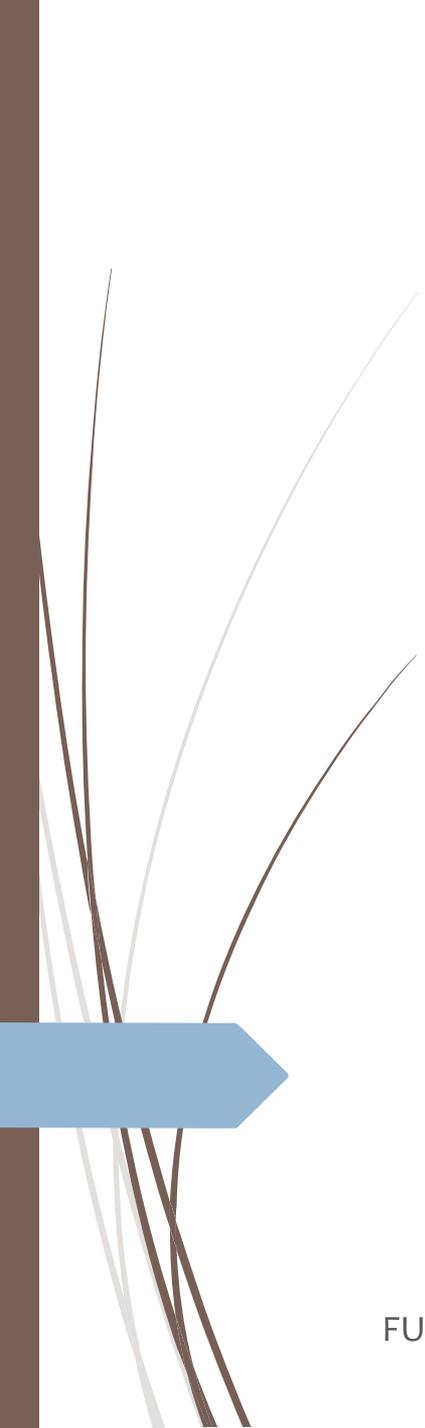
Contudo, pareceu-me ilusório imaginar que tínhamos condições de provocar uma mutação em nosso processo histórico. Precisávamos conhecer melhor nossa formação. [...] O estudo da economia colonial brasileira veio a ser a primeira parte da reflexão mais abrangente que publiquei dez anos depois sob o título de ‘Formação econômica do Brasil’.



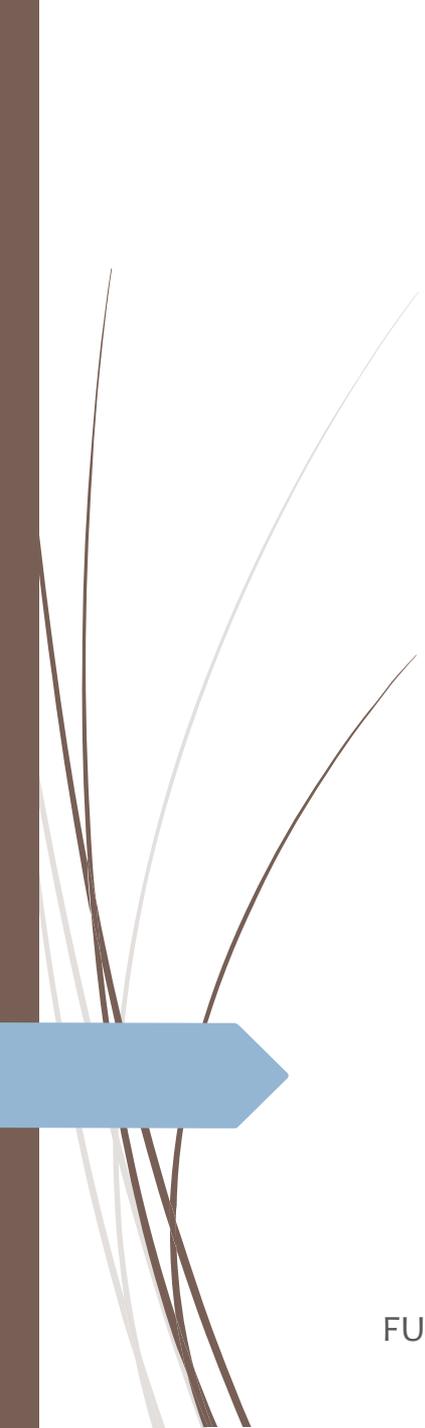
Formação
Econômica do Brasil,
1959.

Primeira edição. Fundo de Cultura.

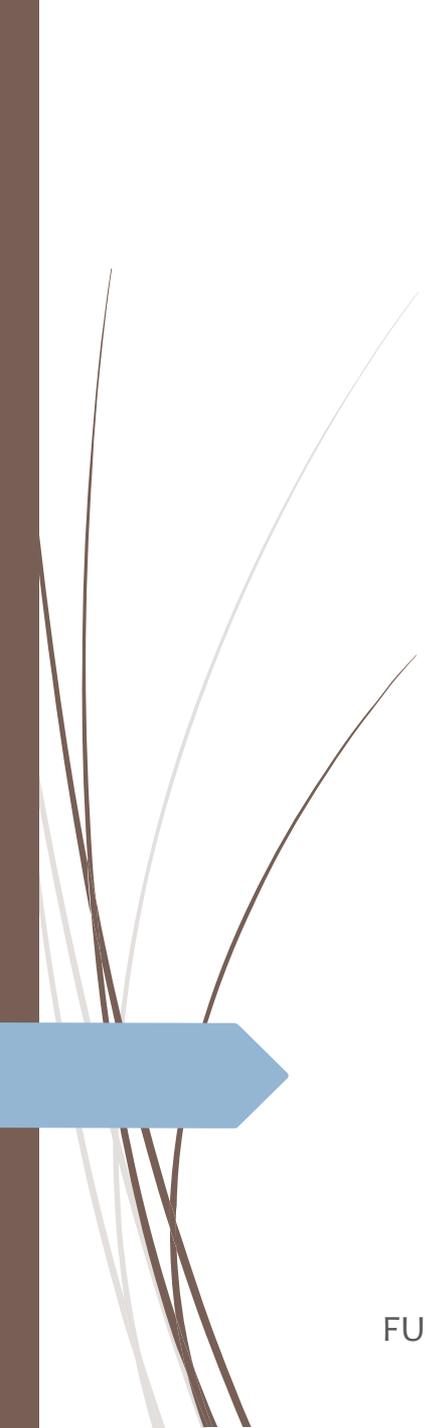




A decisão de dedicar o essencial de meu tempo ao trabalho teórico eu a havia tomado antes de chegar a Cambridge, mas não teria a tranquilidade necessária para levá-la adiante, em sã consciência, se também não reservasse algum tempo a ordenar minhas ideias sobre o Brasil.



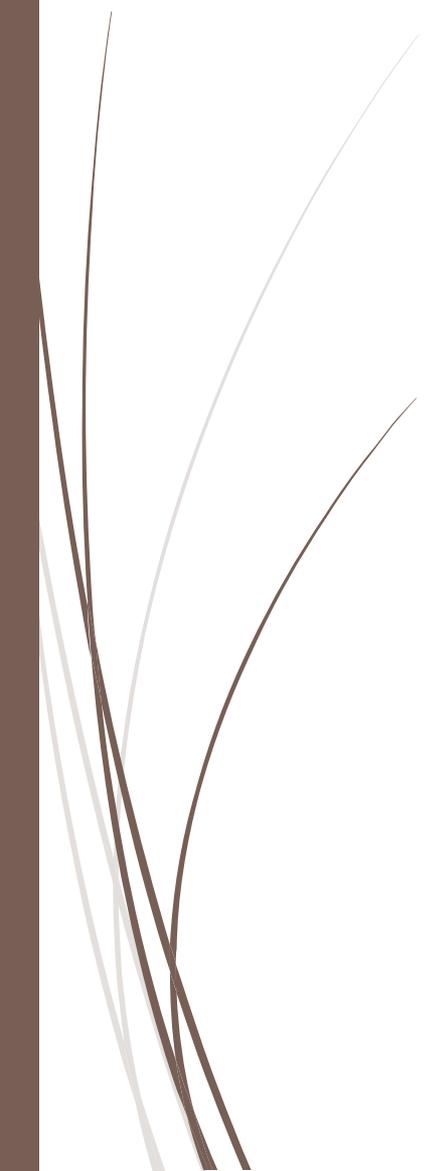
O avião da Panair em que viajei para Londres teve um acidente ao baixar em Recife, onde fazia escala, obrigando-me a permanecer dois dias nessa cidade. Perambulando pelas ruas para rever os locais que frequentava quando era aluno do Ginásio Pernambucano, entrei na velha livraria Imperatriz. Entre os livros que adquiri estava uma reedição recente da “História Econômica do Brasil” de Roberto Simonsen, que havia lido dez anos antes.

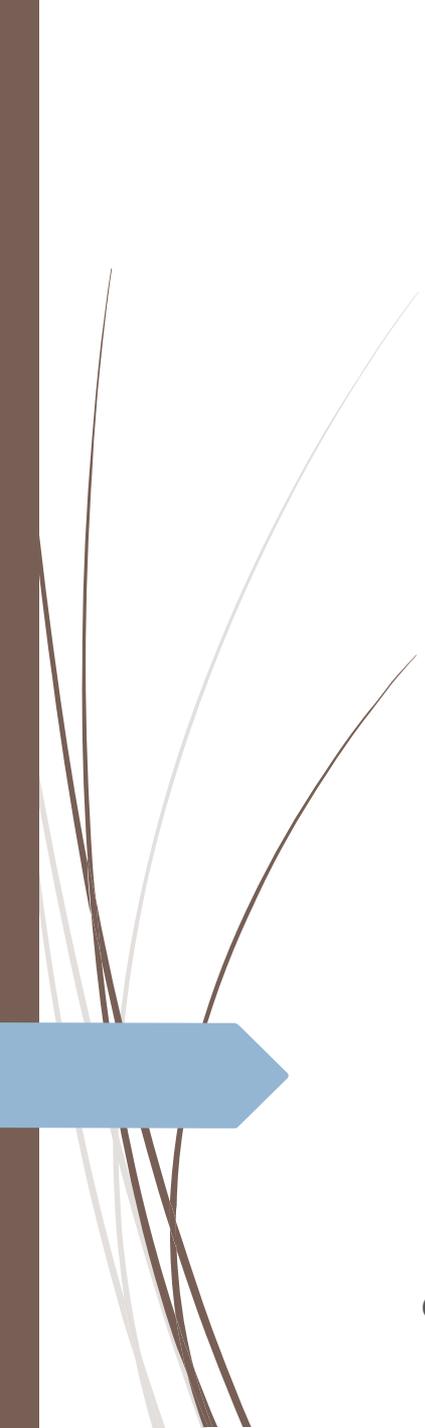


Folheando esse livro e detendo-me na massa de informação quantitativa que contém sobre o período colonial, veio-me a ideia de tentar a elaboração de um modelo da economia do açúcar a meados do século XVII. Foi dessa ideia que surgiu a “Formação Econômica do Brasil”
[...]



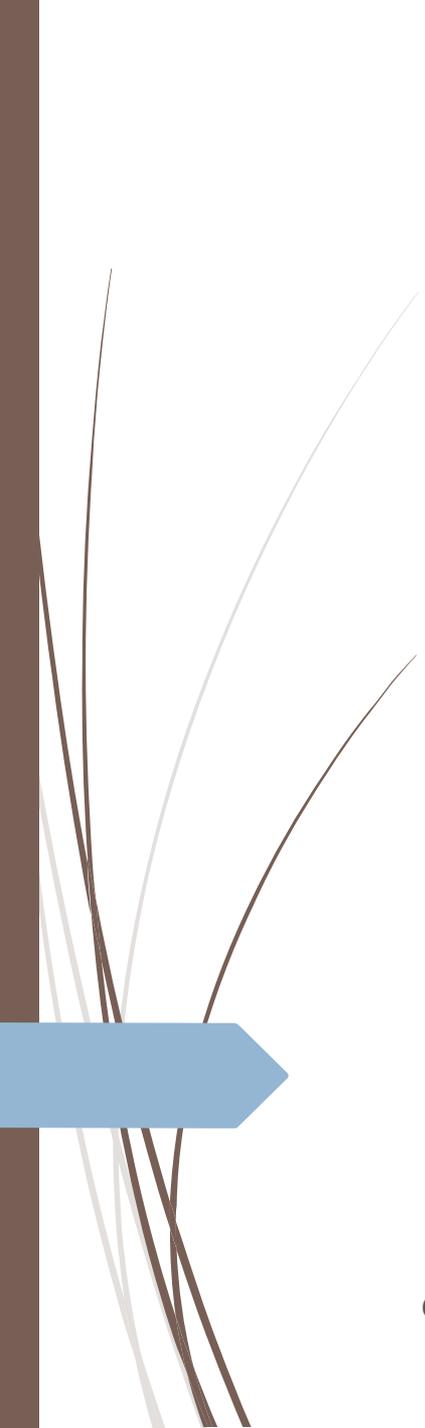
Furtado e a CEPAL

- 1949: Furtado na CEPAL
 - Reflexão sobre as economias chamadas de “subdesenvolvidas”
 - Raúl Prebisch
 - Economias “subdesenvolvidas” entendidas como o produto de uma determinada colonização
 - Subdesenvolvimento não era uma etapa
- 



O pensamento de Furtado, nessa linha teórica, vai articular de novo economia e história, vai escapar da asséptica teoria neoclássica, para quem a história não conta absolutamente nada.

Seu primeiro passo é recuperar a história, retornando à economia política, e negando tanto as economias subdesenvolvidas como criações a partir de suas próprias forças quanto serem apenas uma etapa do desenvolvimento...

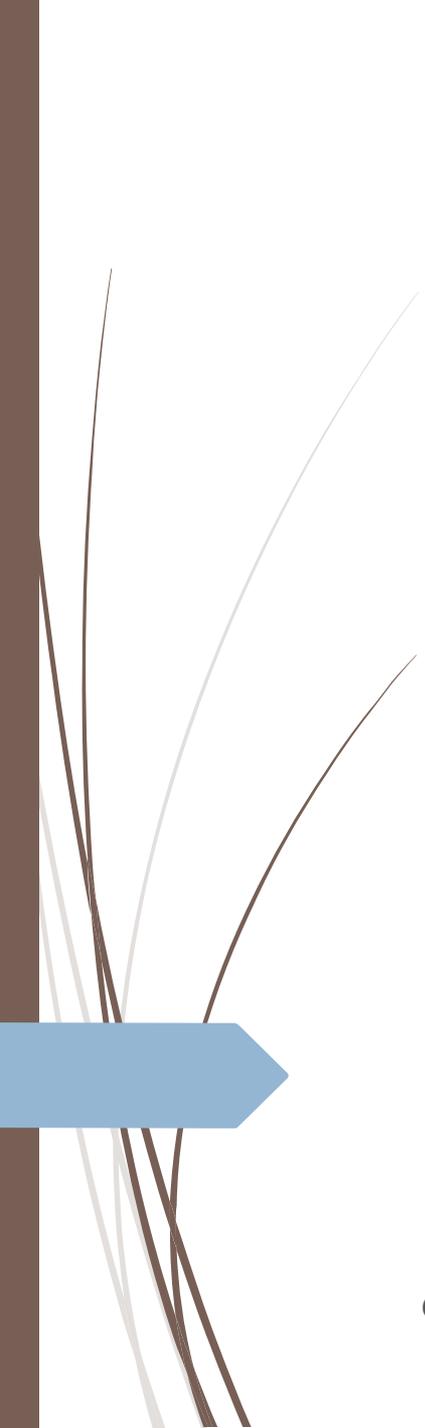


É a partir da história que se verifica que as economias subdesenvolvidas não eram uma etapa, mas um produto específico do sistema capitalista, desde a sua formação, isto é, desde a expansão mercantilista da Europa em direção às colônias.



Formação Econômica do Brasil: a estrutura do livro

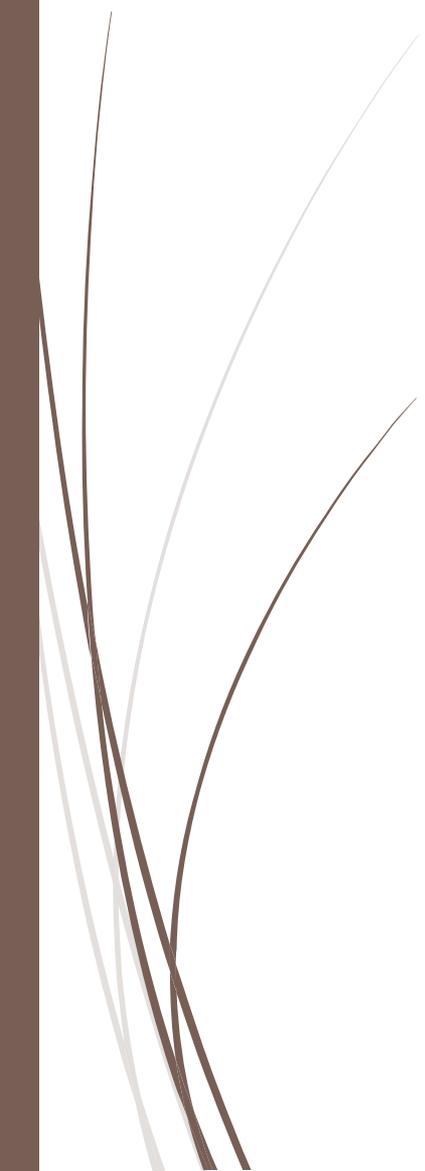
- Simples, composto por 5 partes:
 - Fundamentos econômicos da ocupação territorial
 - Economia escravista de agricultura tropical
 - Economia escravista mineira
 - Economia de transição para o trabalho assalariado
 - Economia de transição para um sistema industrial
- Poucas referências bibliográficas
- Não há diálogo com os pensadores dos anos 1930
- Não há menção a Caio Prado Júnior – ainda que a influência seja clara



[...] quanto a Caio, creio que a dívida de Celso para com ele é muito grande, e a inexistência de citações de sua obra em “Formação Econômica do Brasil” pode ser considerada simplesmente imperdoável.



O instrumental teórico do livro

- ▶ Reconstrução racional feita a partir da análise dos “ciclos” alicerçada na análise dos fluxos de renda
 - ▶ Ideia clara de economia voltada para fora, pelo menos no início
 - ▶ Poucas variáveis; poucos instrumentos de análise
 - ▶ Interesse especial em entender:
 - ▶ As origens da indústria no Brasil
 - ▶ A formação do mercado de trabalho
 - ▶ A criação do mercado interno
 - ▶ O deslocamento do centro dinâmico
- 



Principais elementos de análise: alguns destaques

- ▶ Comércio internacional e produtividade: absorção/liberação de recursos
 - ▶ Transações monetárias X transações em espécie (formação do mercado de trabalho)
 - ▶ Economia de subsistência X economia excedentária
 - ▶ Determinação de preços e preços relativos
- 

Depósitos de fatores de produção

Na visão de Furtado, as economias coloniais são depósitos de fatores de produção ociosos ou sub-utilizados: terra, recursos naturais, trabalho [...] A descoberta de minas de ouro e prata, ou o cultivo de produtos de elevada demanda [...] conecta estes recursos à economia mundial. Em outras palavras, o comércio internacional cumpre o papel de mobilizar os recursos antes ociosos e de despertar uma economia adormecida elevando sua produtividade.

Produtividade

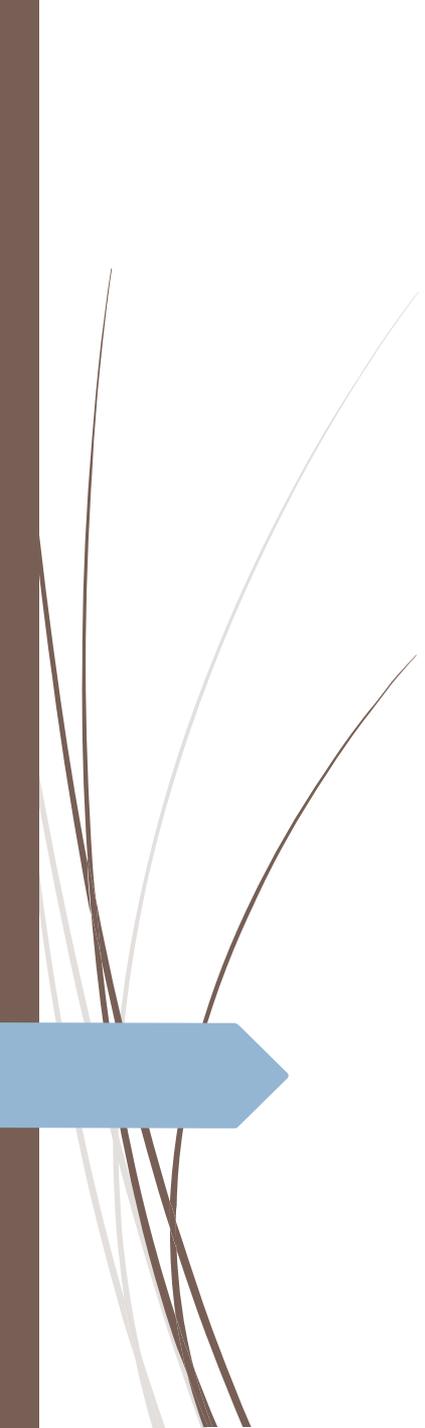
As concepções específicas de produtividade utilizadas por Furtado em diferentes partes de sua obra também merecem atenção. De acordo com Furtado, ocorre uma elevação de produtividade em três situações: i. absorção de recursos sub-utilizados; ii. elevação de preços internacionais, um fenômeno típico das exportações primárias; iii. um crescimento de produtividade “smitheano”, típico da manufatura e da indústria.

Aumento de produtividade

[...] uma mudança positiva nos termos de troca e/ou a simples transferência de recursos já existentes para usos mais produtivos – já que conectados a alta demanda e a preços elevados – aumenta a produtividade da economia como um todo.

Fluxos de renda

Nela [economia de plantation escravista] os desembolsos no mercado interno são inexistentes. A situação é ainda agravada pelo fato de os lucros dirigirem-se para foram, para a compra de escravos e equipamentos, o pagamento de dívidas, a aquisição de bens de luxo. O efeito multiplicador não opera e o restante da economia permanece em um estágio de subsistência.



Fluxos de renda

Adicionalmente – e para complicar ainda mais – embora Furtado admita que os bens são trocados em um ambiente monetário, não admite fluxos de moeda entre o “setor de subsistência” e o resto da economia.

Economia de subsistência

O que vem a ser uma “economia de subsistência”? A pergunta é cabida, porque Furtado aplica a expressão a muitas situações diversas. Em uma economia colonial, todas as atividades fora dos núcleos exportadores fazem parte do “setor de subsistência”. [...] O curioso é que o “setor de subsistência”, além de manter as pessoas nele envolvidas, proporciona alimentos para os setores exportadores líderes e para as populações das cidades...

Economia de subsistência

[...] Chega-se a um paradoxo: o “setor de subsistência” produz excedente. Furtado recorre sempre à presença de uma estrutura dual, a qual compreende os setores líderes (produtores de excedente) e a “economia de subsistência”. Na verdade, “subsistência” aparece aqui como sinônimo de baixa produtividade.

Preços relativos

Se considerarmos que os preços dos produtos de exportação são dados pelo mercado externo, pode-se admitir que a distribuição da renda e os lucros são determinados pelos preços internacionais e pelo nível de subsistência. Para que o modelo seja completo, no entanto, teríamos que fixar os preços dos bens de subsistência, o que implica adotar a hipótese de ausência de restrições à expansão da produção de bens básicos, a custos fixos.

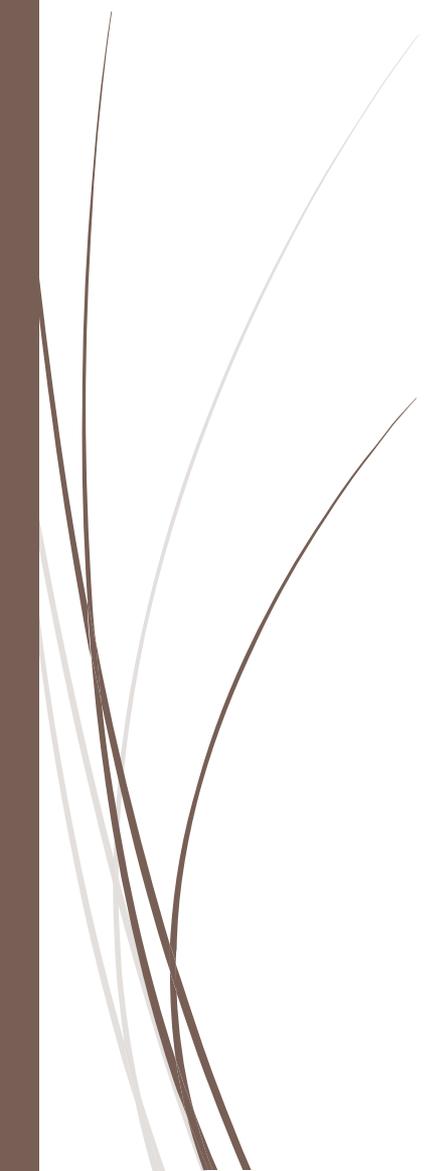


Fernando Novais

E o “Sentido Profundo da Colonização”



Ampliam-se os horizontes

- ▶ Caio Prado Júnior e o “Sentido da Colonização”
 - ▶ Portugal e sua colônia na América
 - ▶ Fernando Novais e seu “Sentido Profundo da Colonização”
 - ▶ As metrópoles europeia e suas colônias
- 

Tabula hec Regionis magni Brasilis est: ad partem occidentales
 humilis, abellis, regio dicitur: bene usque ad ingreditur colorio-
 feras & innumeras caribus hinc hinc asportat. In eadem generam
 & ligna exegre untur: hic piratae uerbi gratia aliam summam a
 uero heraq; monstruosa: et diuina plura genera reperitur: plu-
 rimasq; arbor nalcitur que bestii nuncupata uerbis purpureo colo-
 re nigendia opportuna censetur.

LIR CV

LV

S O

V I NOG

CIAL

IS



TERRA BRASILENSIS

CLIMA

C L I M A

CL I M A P R I M U M

C I R C U
C L I M A

L V S C A N

S E C U

C R I

D V M

T E R C I

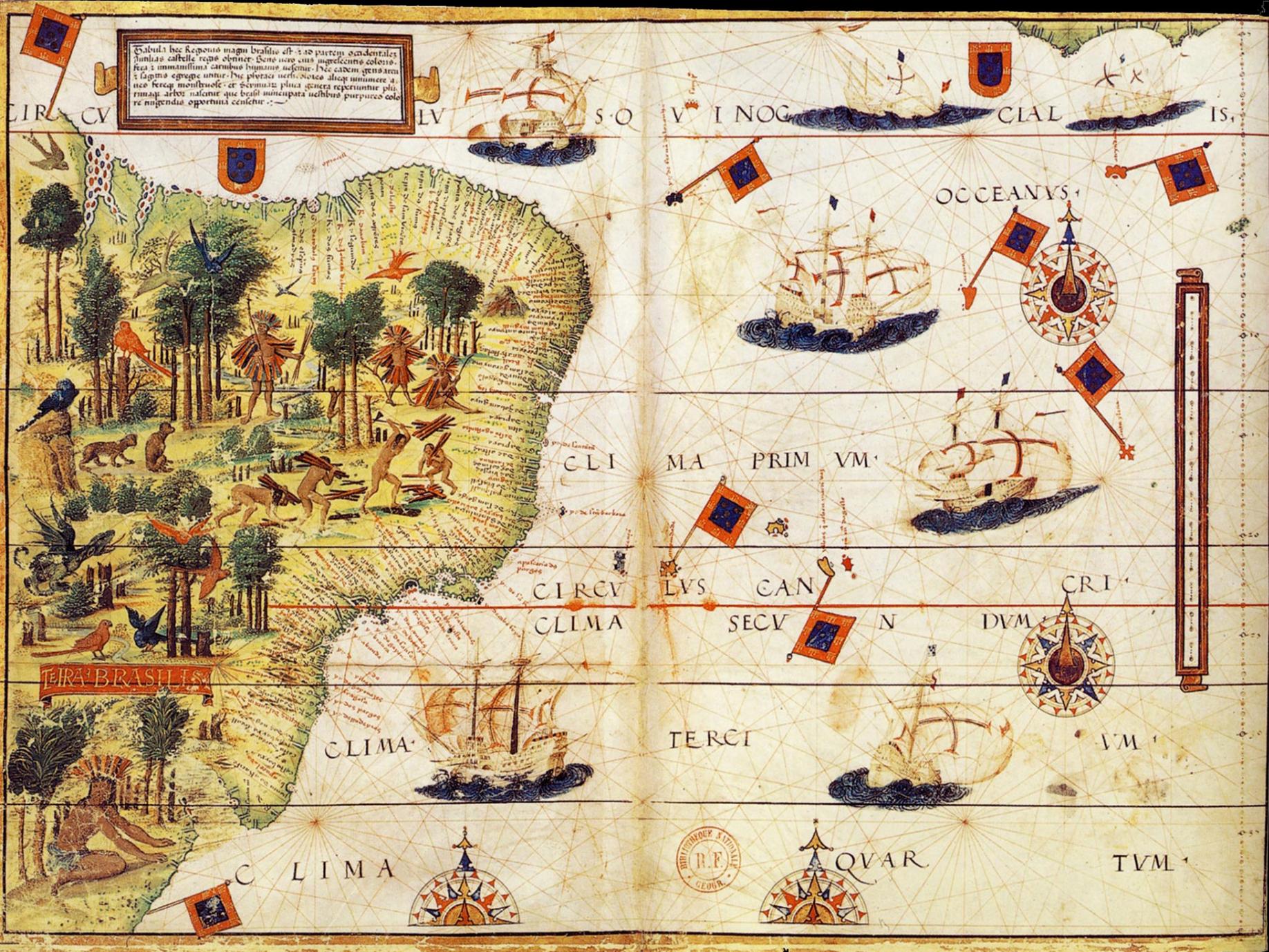
V M

Q V A R

T V M



OCCEANVS





WORLD MAP
1569
WILHELMUS BLAVIUS
PARISIENSIS

Projeção Mercator

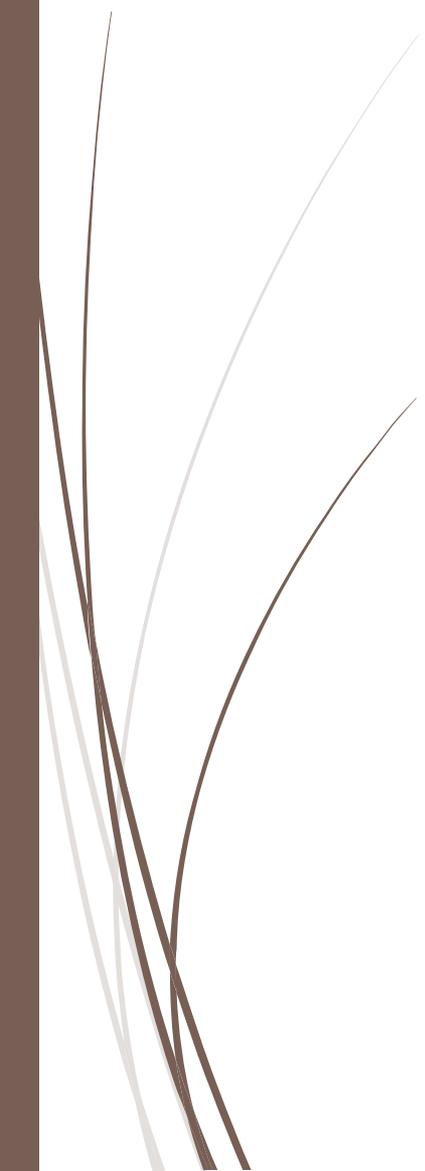


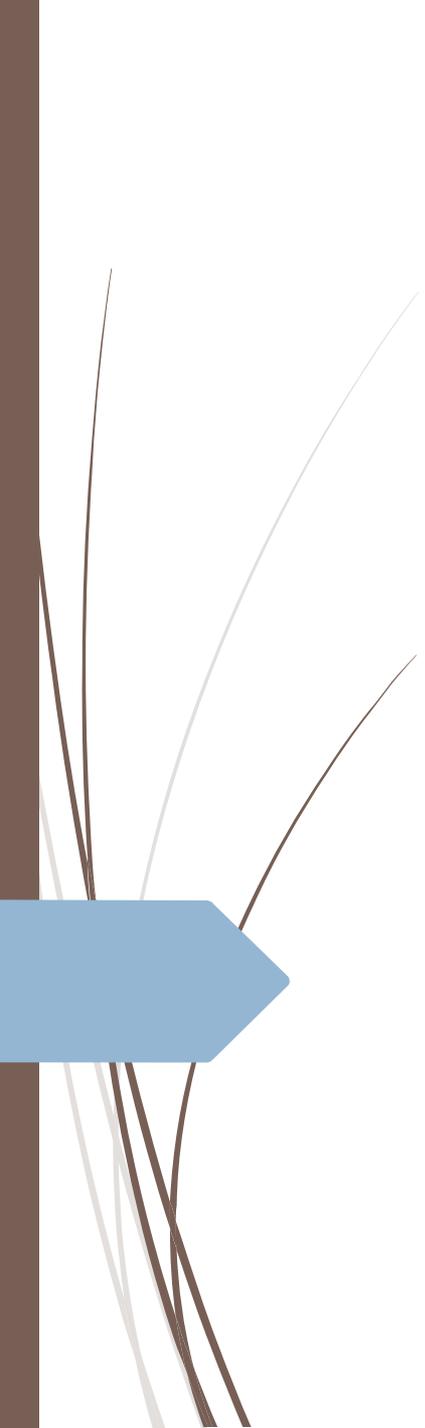
O “todo” de Caio Prado

- Nossa formação como parte de um amplo quadro
 - Antecedentes históricos que não podem ser dispensados
 - Decadência do regime feudal
 - Renascimento do comércio
 - Rotas comerciais terrestres ligando a Europa ao “orientes”
 - Navegação pelo Mediterrâneo
 - Traços iniciais do “sentido”
- 



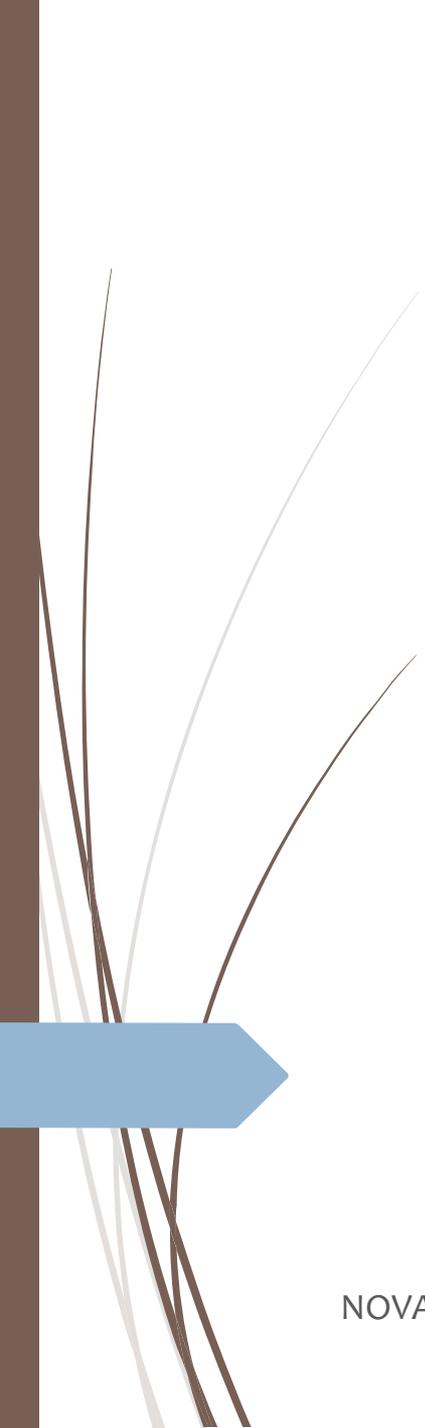
Como resultado

- ▶ Objetivo comercial da colonização gera uma determinada estrutura
 - ▶ Condições tropicais e atividades desenvolvidas condicionam o perfil do colonizador
 - ▶ Resultado natural: a grande exploração rural
 - ▶ Grande propriedade
 - ▶ Monocultura
 - ▶ Trabalho escravo
- 



Fernando Novais e o “sentido profundo da colonização”

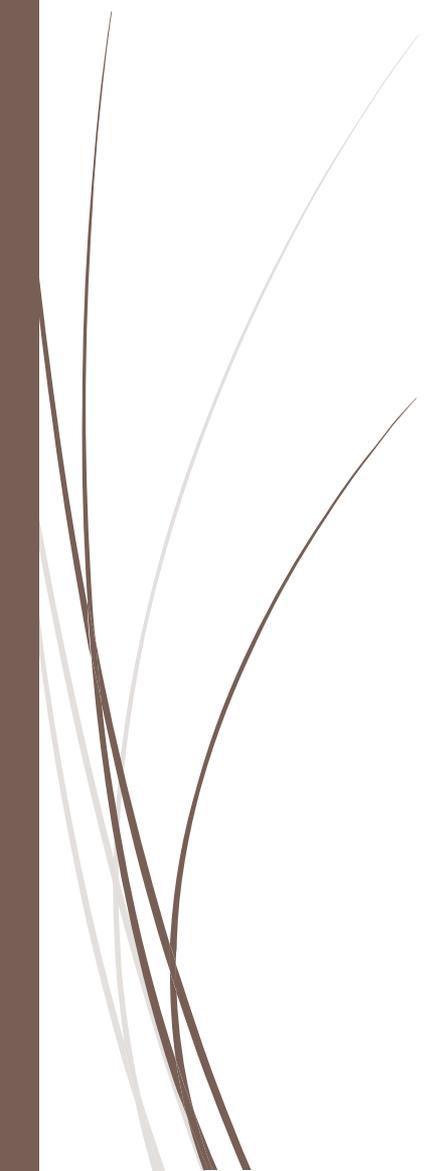
Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial.

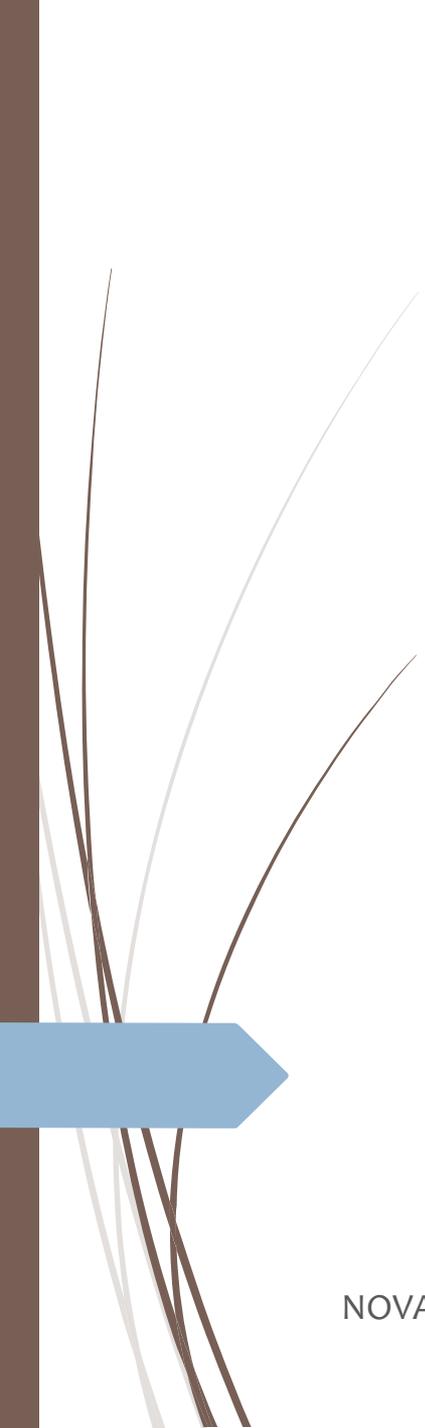


[...] e talvez o Brasil na expansão marítima europeia seja um recorte que apanhe apenas algumas dimensões da realidade, não levando o olhar até a linha do horizonte.



O sentido do “profundo”

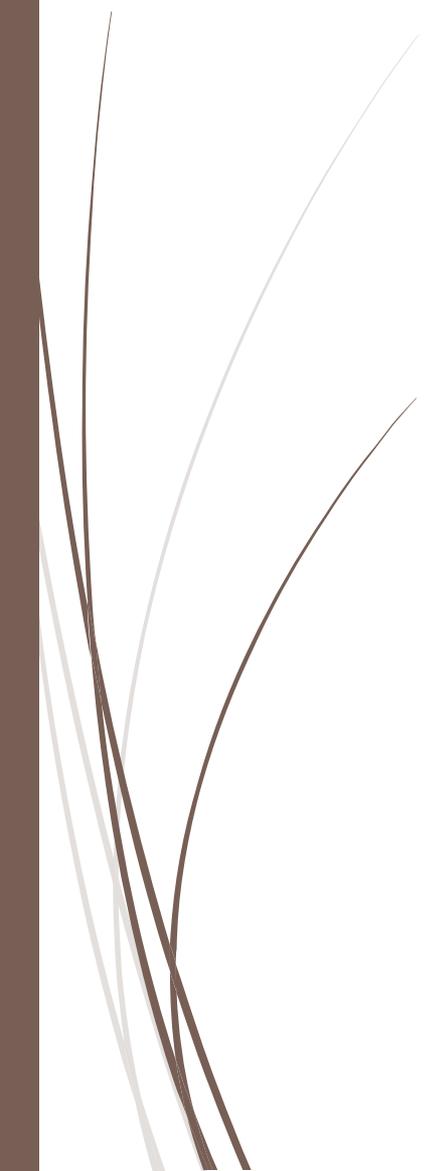
- Novais e Caio Prado: partem da expansão comercial europeia
 - MAS, Novais trabalha outros temas:
 - Antigo Sistema Colonial
 - A colonização mercantilista
 - Leva o olhar até a linha do horizonte: a gênese do capitalismo no mundo
 - A colônia “Brasil” é colocada em perspectiva, compondo um cenário muito mais amplo
 - Argumento dividido em duas partes
- 



Nem toda colonização se processa, efetivamente, dentro dos quadros do sistema colonial; fenômeno mais geral, de alargamento da área de expansão humana no globo, pela ocupação, povoamento e valorização de novas regiões [...] a colonização se dá nas mais diversas situações históricas.

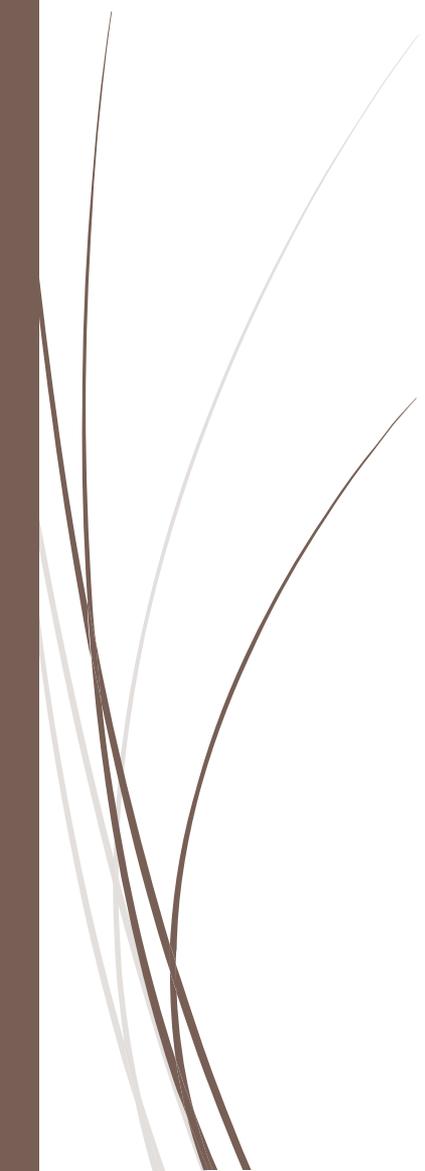


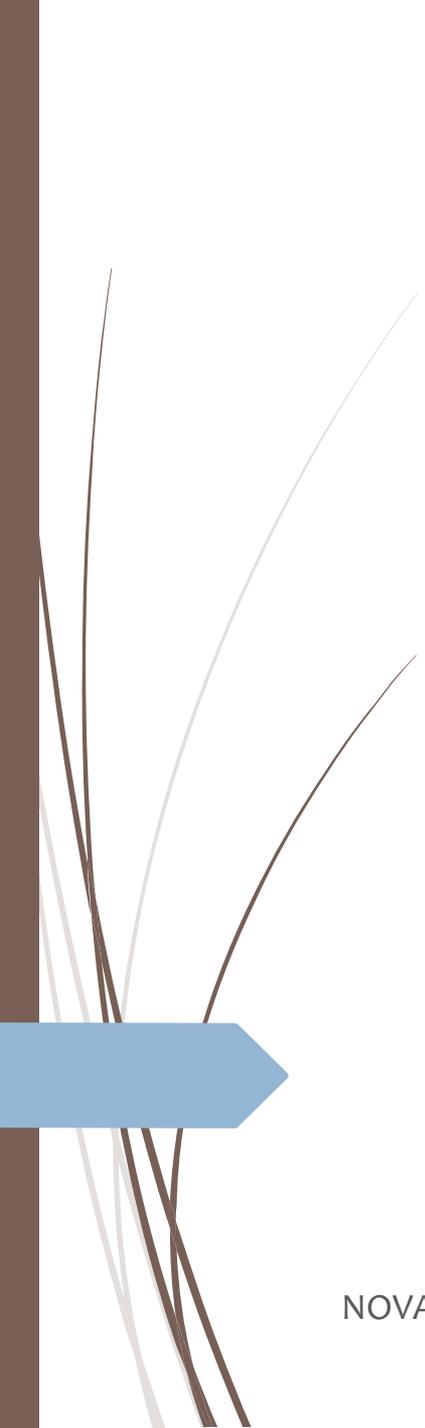
Primeira parte do argumento

- 
- Colonização com “denominadores comuns”
 - Extensa legislação comercial ultramarina das metrópoles
 - Intensa troca comercial entre essas mesmas metrópoles e suas colônias, e entre si
 - O contexto mercantilista-bulionista



Segunda parte do argumento

- Novais coloca o Antigo Sistema Colonial no contexto do Antigo Regime
 - Antigo sistema colonial fomentando a acumulação primitiva de capital, por meio de:
 - Exclusivo metropolitano
 - Escravidão e tráfico negreiro
- 



Absolutismo, sociedade estamental, capitalismo comercial, política mercantilista, expansão ultramarina e colonial são, portanto, partes de um todo, interagem reversivamente neste complexo que se poderia chamar, mantendo um termo da tradição, “Antigo Regime”. São no conjunto processos correlatos e interdependentes, produtos todos das tensões sociais geradas na desintegração do feudalismo em curso, para constituição do modo de produção capitalista.

Crise do sistema feudal

Renascimento do comércio

Áreas próximas às rotas comerciais

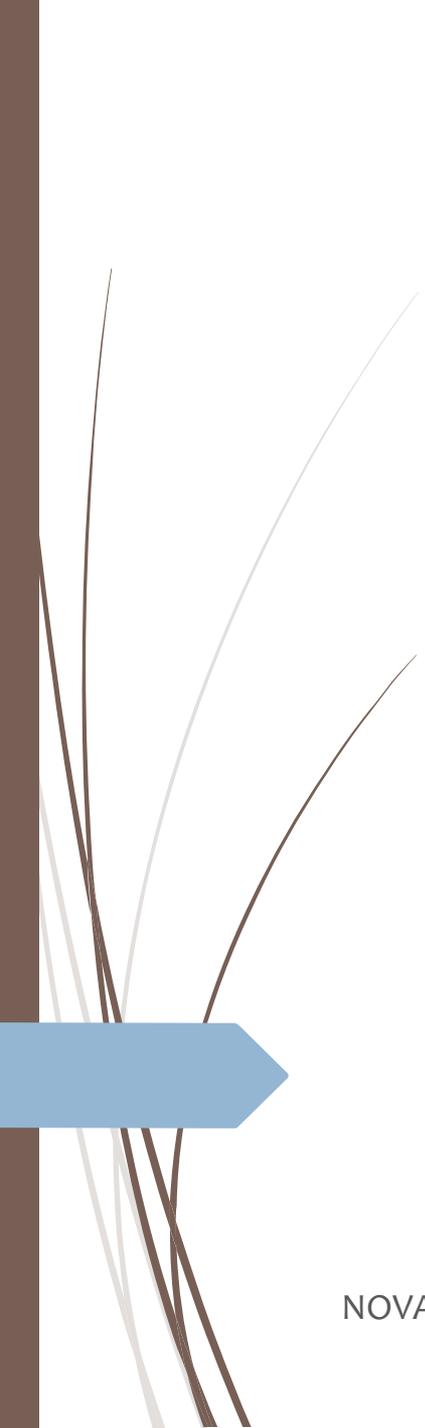
Lenta dissolução dos laços servis

Crise social

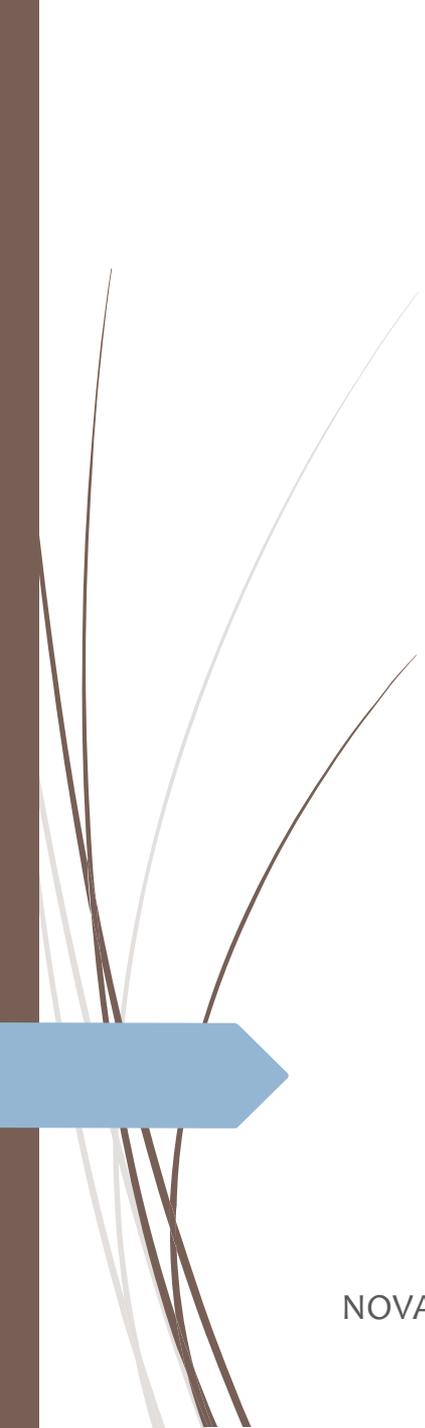
Áreas mais distantes

Fortalecimento da servidão

Crise social



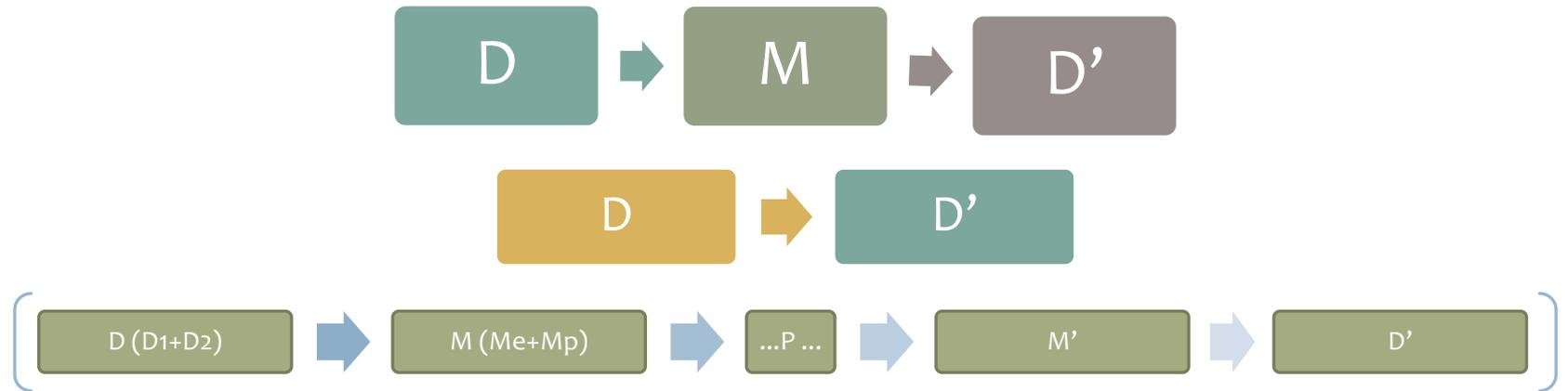
[...] o Antigo Regime Político – essa estranha e aparente projeção do poder para fora da sociedade – representou a fórmula de a burguesia mercantil assegurar-se das condições para garantir sua própria ascensão e criar o quadro institucional do desenvolvimento do capitalismo comercial...



[...] pouco a pouco, o capital penetra na produção. Do artesanato para a manufatura – onde já estão dissociados capital e trabalho, e desta para o sistema fabril, desenrola-se o processo de formação do capitalismo, que cobre todo o período do fim da Idade Média até a Revolução Industrial, quando se completa.

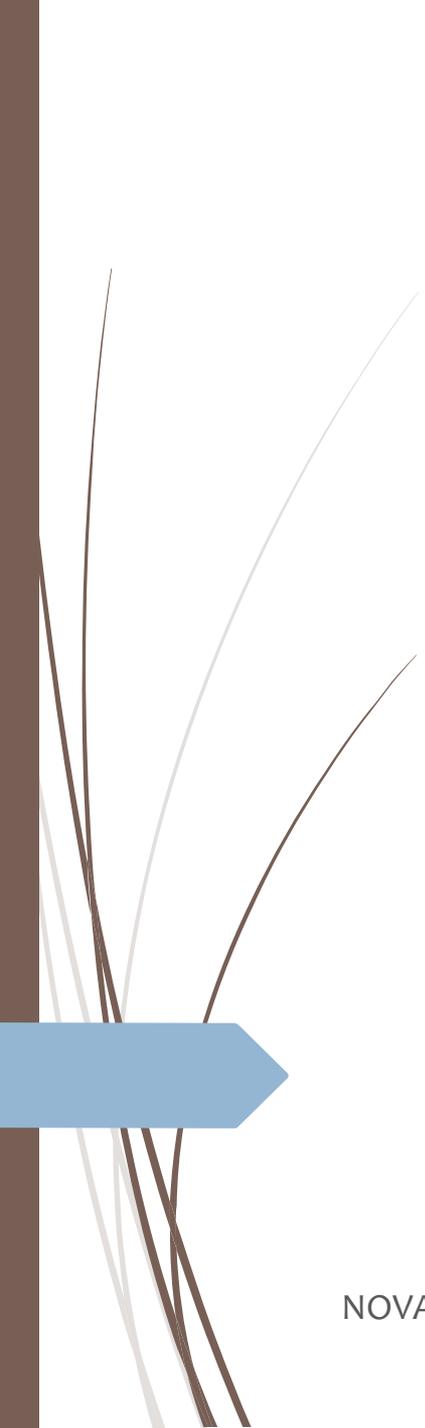
Antigo Regime

Da posição dominante dos capitais comercial e usurário...

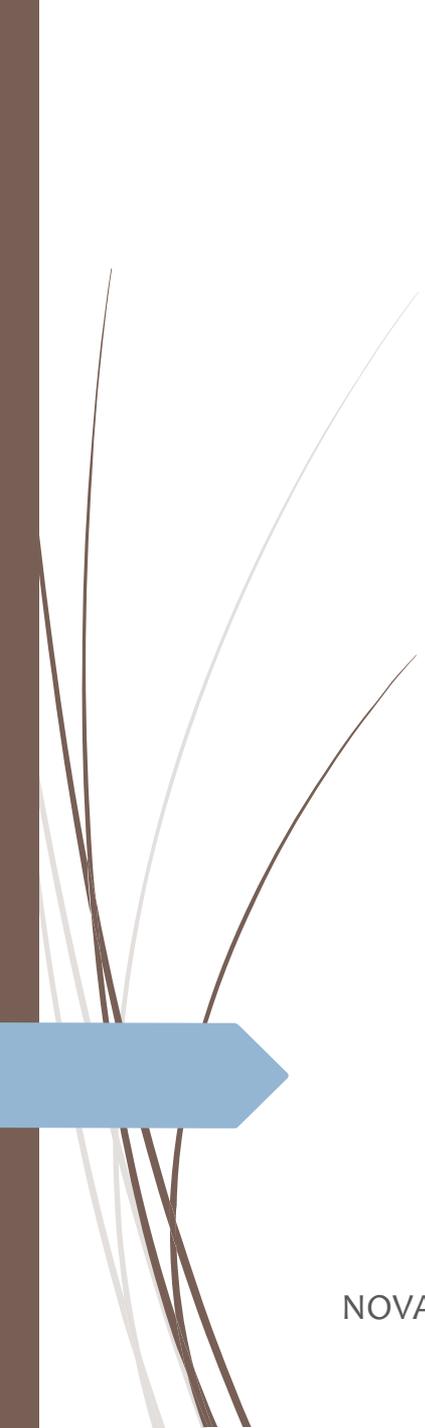


À posição dominante do capital industrial

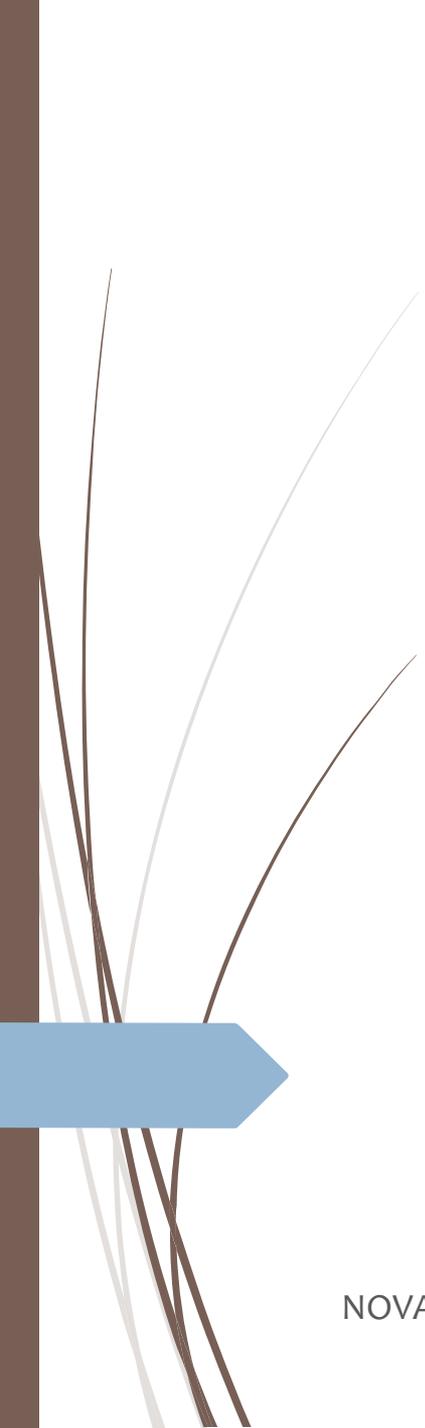




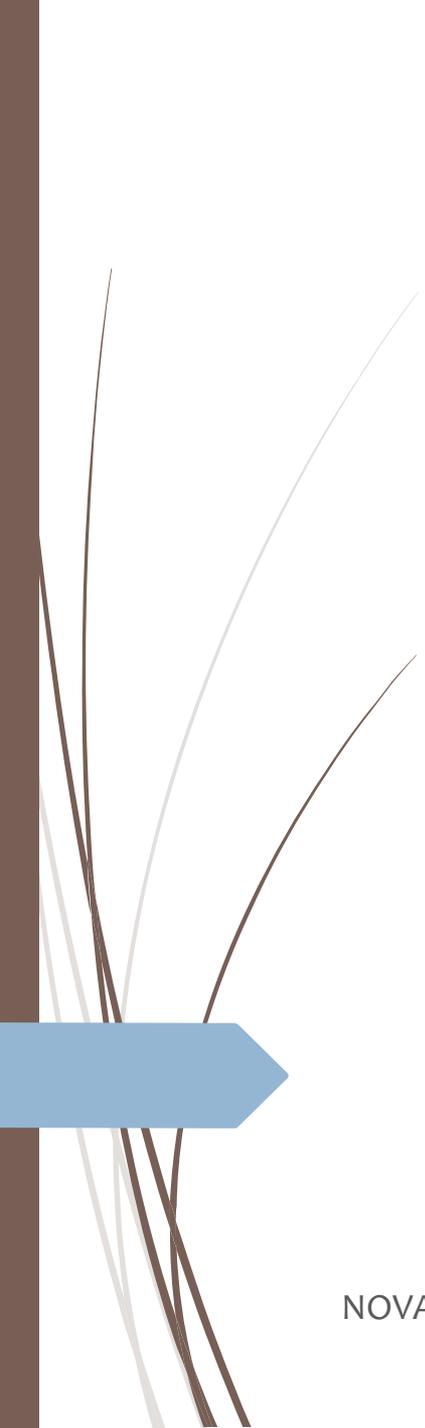
Enquanto, porém, o último passo não era alcançado, a economia capitalista comercial, e pois a burguesia mercantil ascendente não possuía ainda suficiente capacidade de crescimento endógeno; a capitalização resultante do puro e simples jogo do mercado não permitia a ultrapassagem do componente decisivo - a mecanização da produção.



Daí a necessidade de pontos de apoio fora do sistema, induzindo uma ‘acumulação’ que, por se gerar fora do sistema, Marx chamou de originária ou ‘primitiva’. Daí as tensões sociais e políticas provocadas pela montagem de todo um complexo sistema de estímulos. O mercantilismo foi, na essência, a montagem de tal sistema, e o sistema colonial mercantilista sua peça fundamental, a principal alavanca na gestão do capitalismo moderno.

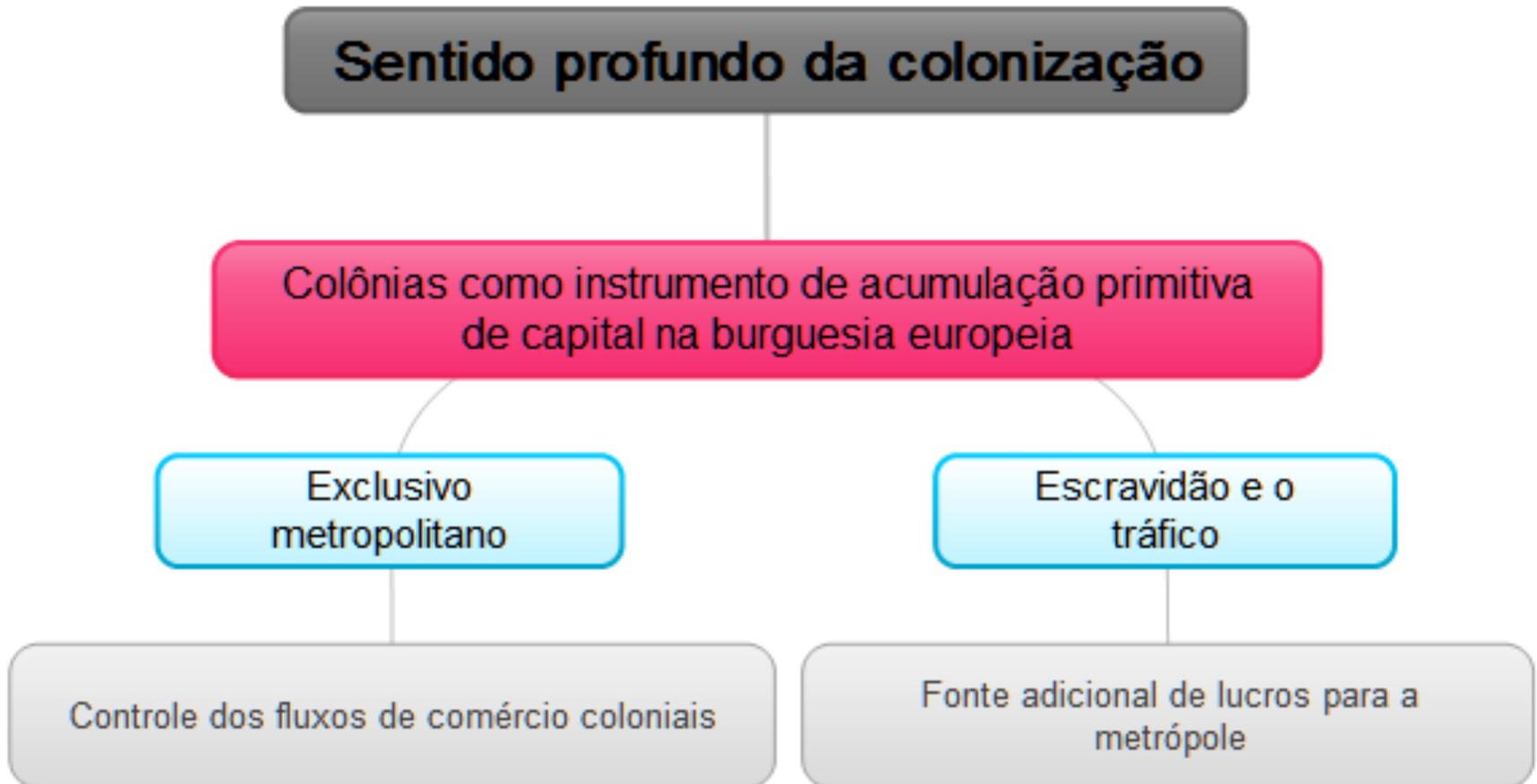


Se combinarmos, agora, esta formulação – o caráter comercial dos empreendimentos coloniais da Época Moderna – com as considerações anteriormente feitas sobre o Antigo Regime – etapa intermediária entre a desintegração do feudalismo e a constituição do capitalismo industrial – a ideia de um “sentido” da colonização atingirá seu pleno desenvolvimento.



Examinada, pois, nesse contexto, a colonização do Novo Mundo, na Época Moderna, apresenta-se como peça de um sistema, instrumento da acumulação primitiva da época do capitalismo mercantil. [...] Completa-se [...] a conotação do sentido profundo da colonização: comercial e capitalista, isto é, elemento constitutivo no processo de formação do capitalismo moderno.

Mecanismos que garantem a realização desse “sentido profundo”

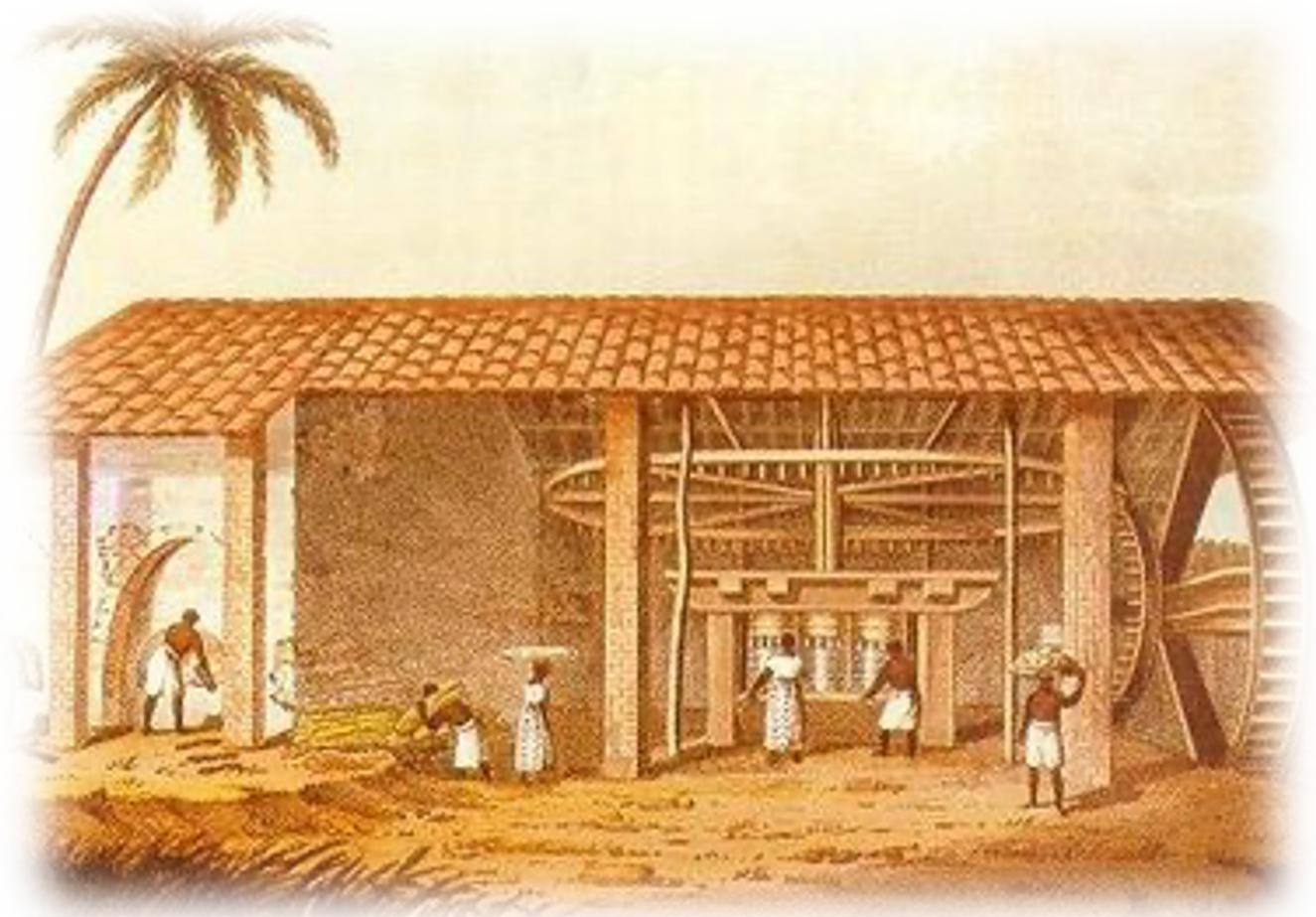


O Sentido da Colonização

Colonização como desdobramento da
expansão comercial europeia

O Sentido Profundo da Colonização

Antigo Sistema Colonial como fator de
fomento da acumulação primitiva de capital na
gênese do modo de produção capitalista

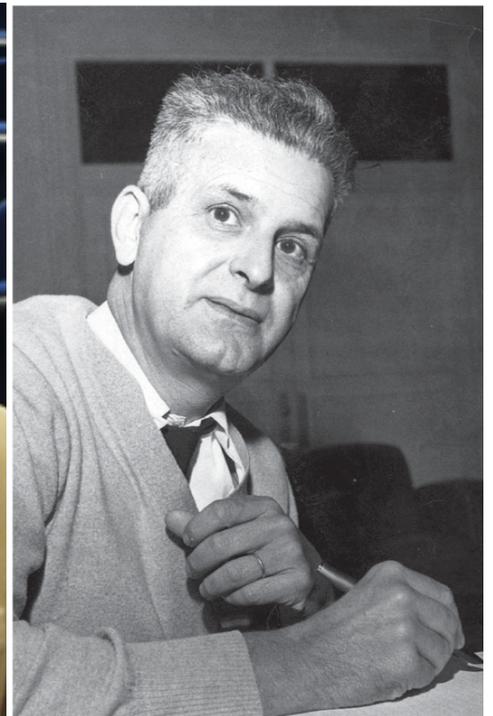


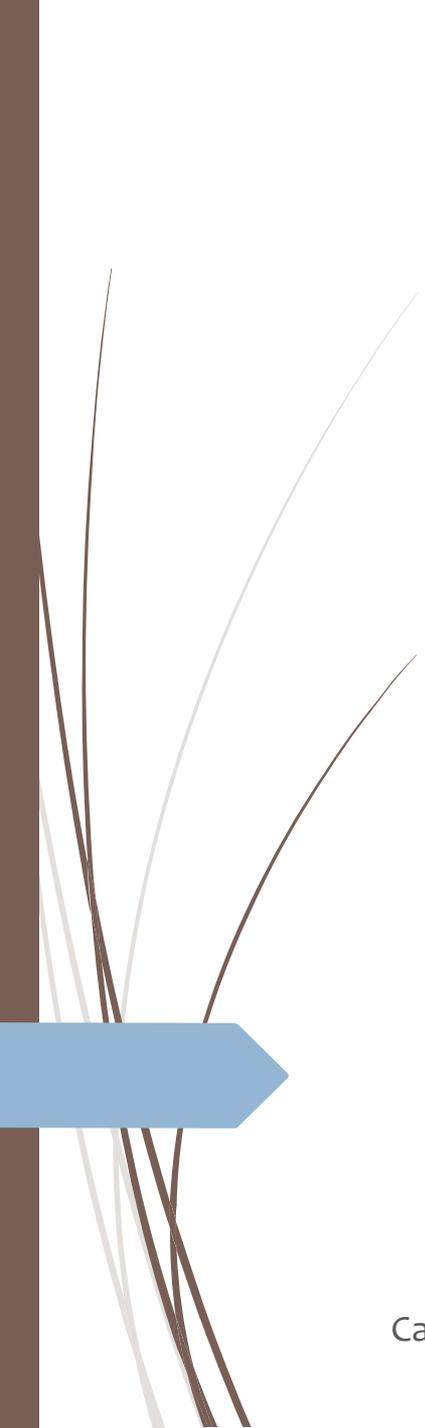
Agonia ou Robustez?

Considerações sobre o evolver da História Econômica brasileira

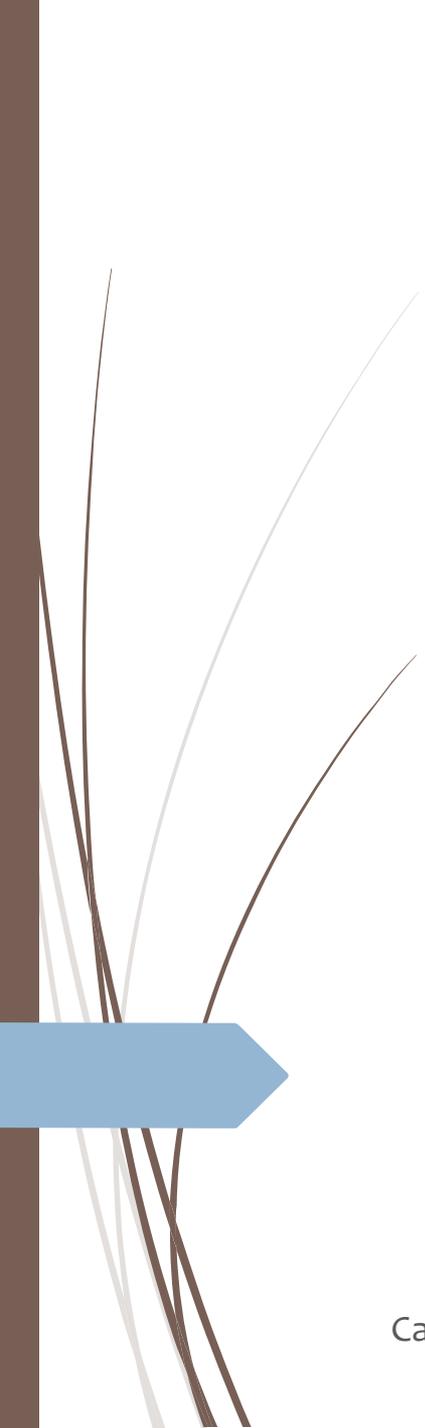


Estabelecido o
paradigma:
Caio Prado,
Furtado e
Novais

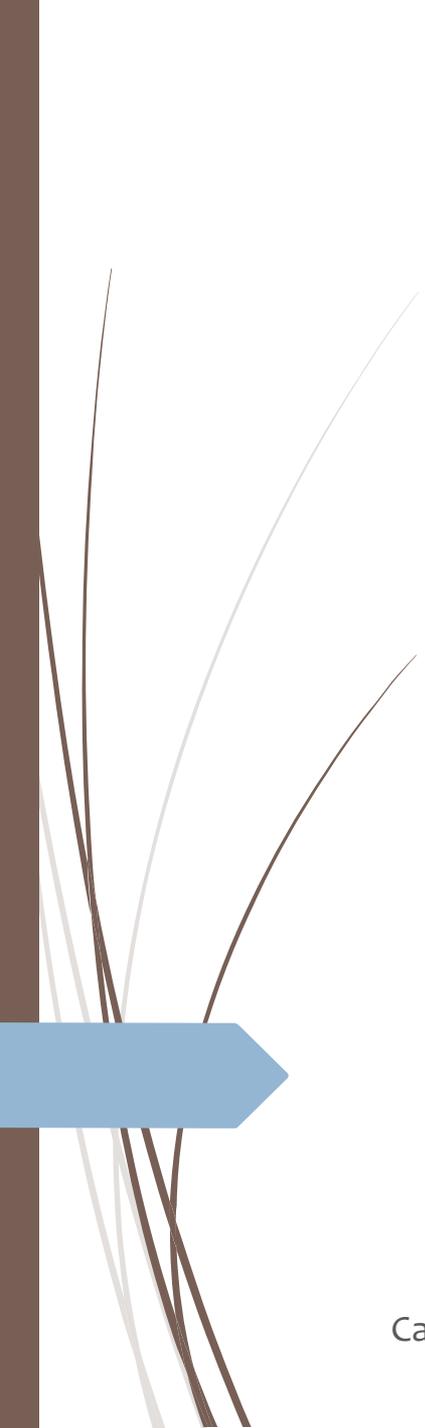




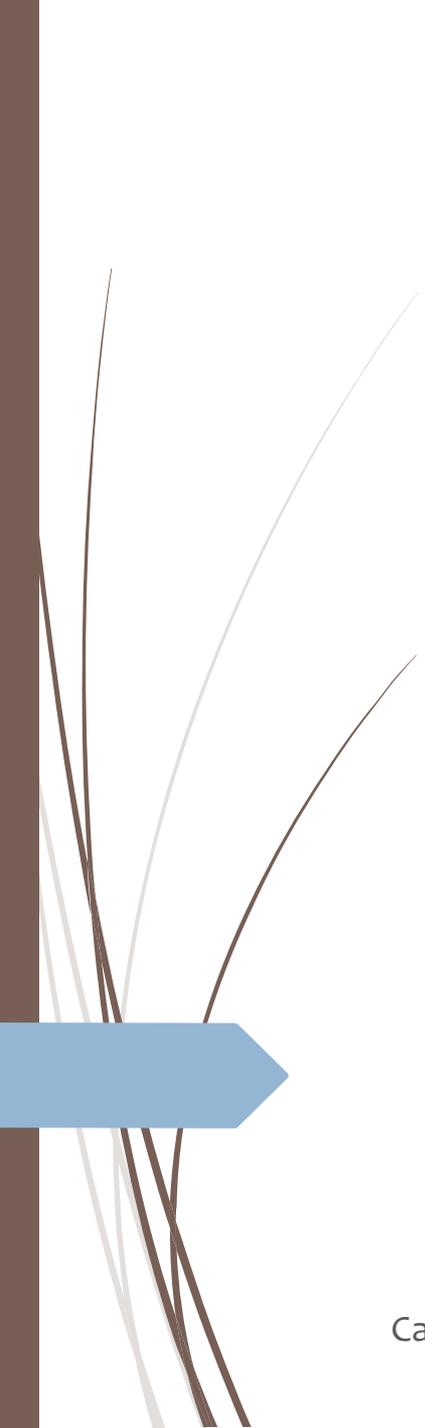
Nesta historiografia [sobre o período colonial brasileiro] sabe-se que a maioria dos autores buscou analisar a realidade colonial brasileira com base nos conceitos desenvolvidos por Marx, ou seja, na linha do Materialismo Histórico, e Caio Prado Jr. foi o pioneiro na aplicação do materialismo histórico à realidade brasileira. Entretanto, apesar de aparentemente partirem de uma mesma concepção teórica, tais autores chegam a resultados muito diferentes.



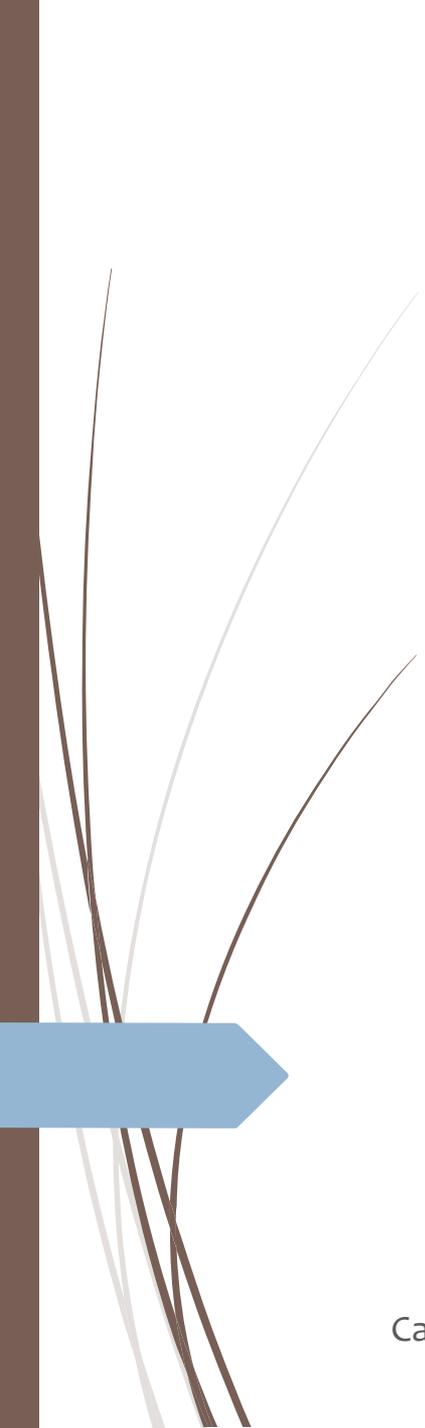
Caio Prado [...] ao ver na colônia um organismo econômico primordialmente voltado ao fornecimento de produtos tropicais e de metais preciosos para o mercado europeu, destaca então este “sentido” da produção colonial, ou seja, seu direcionamento para o mercado externo, que conduzirá toda a obra da colonização e a sociedade colonial.



Em sua obra ‘Formação Econômica do Brasil’, Celso Furtado, ainda que partindo de referencial teórico bastante distinto do de Caio Prado Jr., chega a uma visão do Brasil colônia e, mais ainda, do Brasil das primeiras décadas do século XX, bastante parecida com a visão deste autor. Furtado se concentra no estudo da economia agrário-exportadora para mostrar como essa orientação para o mercado externo baseada no trabalho escravo foi prejudicial e atrasou o desenvolvimento econômico brasileiro [...]



Fernando Novais [...] busca explicitamente, dentro do quadro teórico do marxismo, aprofundar a tese do “sentido da colonização” de Caio Prado Jr. A partir do conceito de Antigo Sistema Colonial, ligado ao Antigo Regime que se caracterizava no campo político pelo absolutismo e no econômico pelas doutrinas mercantilistas, o autor insere o sistema colonial no quadro maior da acumulação primitiva de capital na Europa, que teve como um dos pilares a extração do excedente colonial por meio do monopólio exercido pela metrópole no comércio com as colônias.



Assim, no modelo pradiano, a economia e a sociedade coloniais seriam um mero apêndice de um sistema mais amplo que tem seu centro na Europa, e toda sua dinâmica se subordinaria àquele centro. Não havia aqui espaço para a reprodução de uma sociedade autônoma.

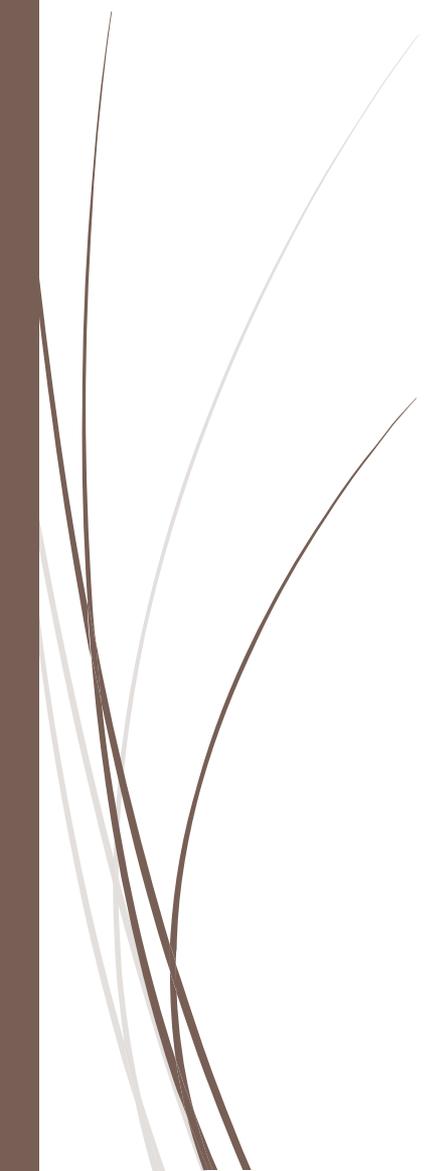


Algumas observações: Novais

- A questão do “capitalismo comercial”
 - O tráfico explica a escravidão (adotada como forma de fomentar a acumulação primitiva): escolha feita a partir de um resultado histórico
 - Seriam de fato as colônias ferramentas de acumulação primitiva de capital?
- 

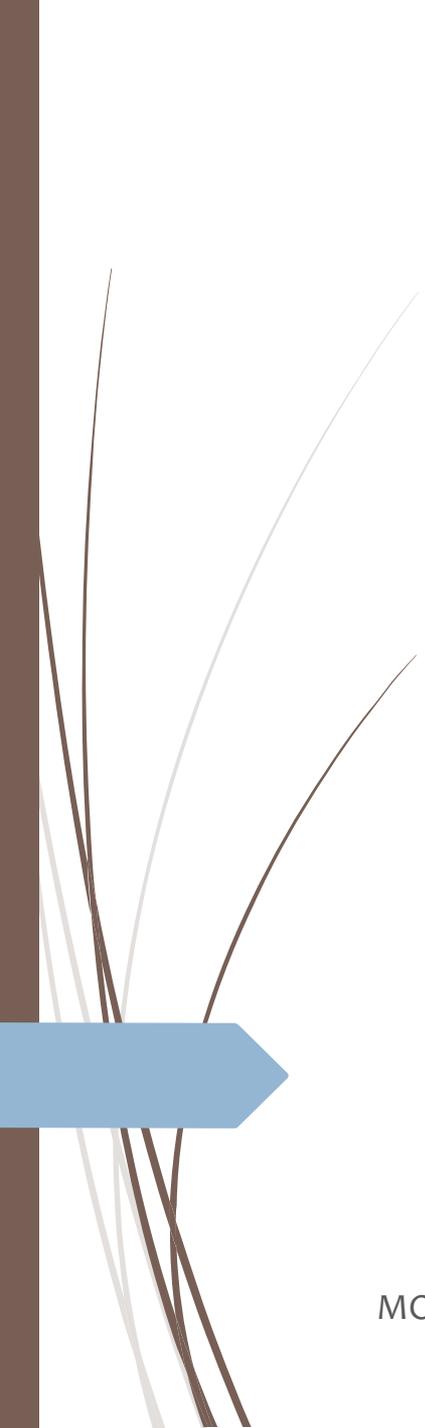


Prado Júnior, Furtado e Novais

- ▶ Caio Prado Júnior consolida o “paradigma” que leva seu nome
 - ▶ Obras de Furtado e Novais podem ser consideradas desenvolvimentos desse mesmo paradigma
 - ▶ Críticas ao modelo pradiano também “respingam” sobre os mencionados autores
- 

Críticas ao modelo pradiano





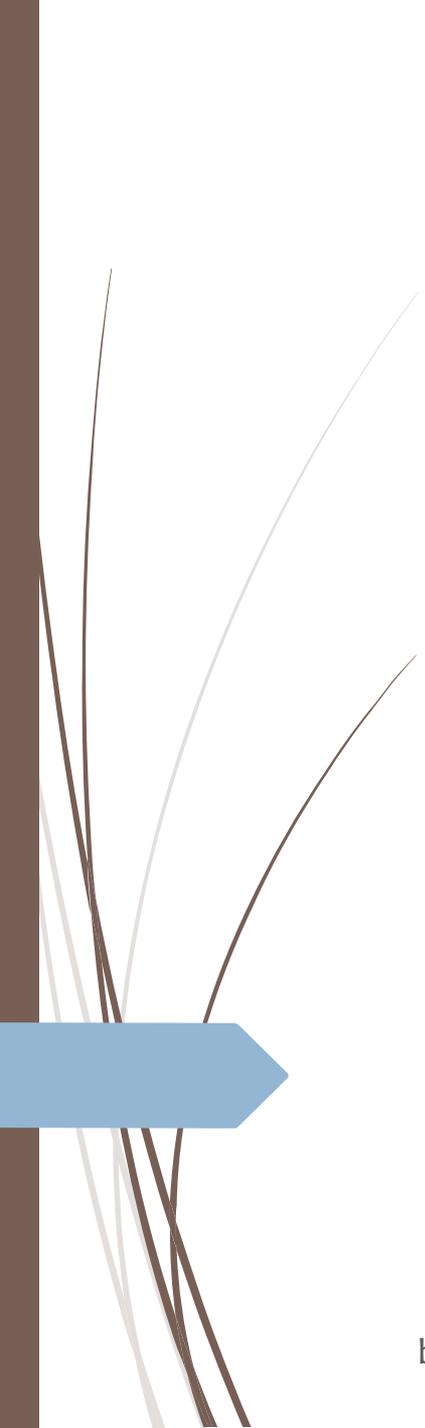
As críticas ao modelo de Caio Prado Júnior, que marcam o evoluer da historiografia a partir de meados dos anos 1960 e, sobretudo, no decênio de 1970, [...] apresentam a característica comum de defenderem a necessidade, para um melhor entendimento do processo de formação econômica e social do Brasil, de se voltar a atenção, essencialmente, para o universo colonial, propugnando-se uma efetiva inflexão “para dentro” da economia brasileira.



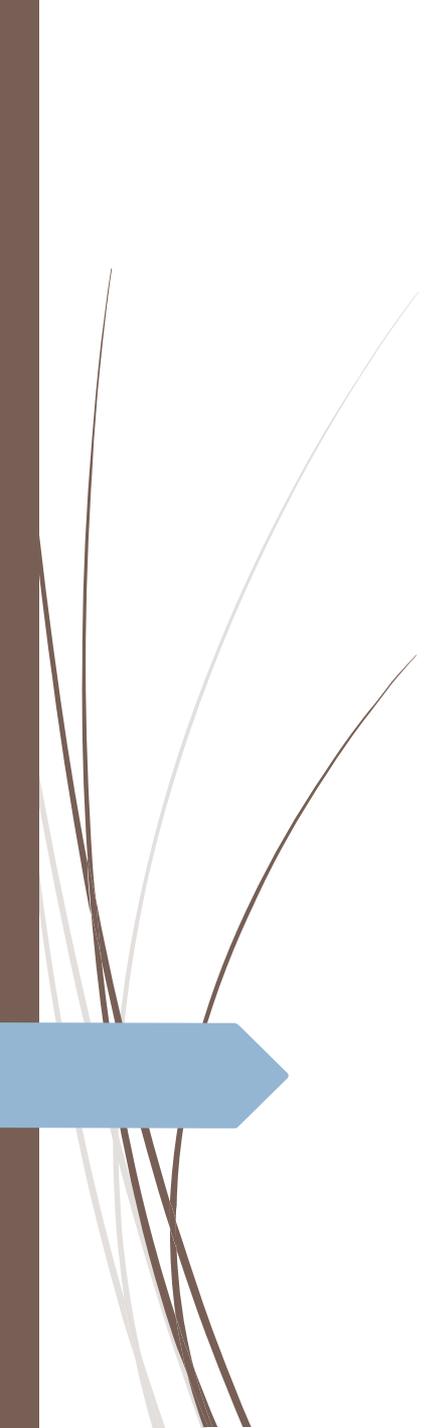
Cardoso, Gorender e Barros de Castro

- ▶ Apesar das diferenças, todas essas interpretações alternativas têm um ponto em comum, estabelecendo-se

[...] grosso modo, em torno da discussão sobre a existência ou não de um modo de produção próprio das situações coloniais e escravistas similares à brasileira; e, se existente tal modo de produção, em torno do delineamento de seus traços definidores (ou suas leis de funcionamento).



[...] não obstante as diferenças profundas existentes entre suas formulações, os três autores referidos aproximaram-se muito no que respeita às críticas que fizeram a Caio Prado e ao “sentido da colonização”. Para os três, a essência dessas críticas está na necessidade, para aprofundar nosso conhecimento acerca da formação econômica e social do Brasil, de centrar especialmente nossa atenção no espaço colonial.



Gorender

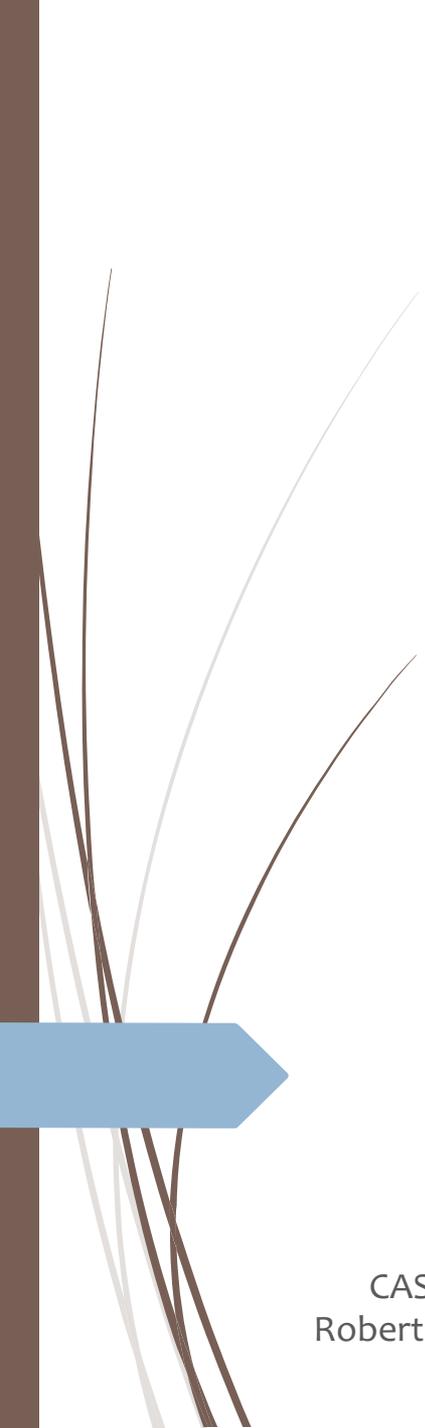
Focalizando atora a linha de interpretação, que se concentrou no mercado e dele fez a chave explicativa da economia colonial, constatamos um resultado invariável desse procedimento metodológico: a sobreposição da esfera da circulação às relações de produção.

Gorender

A desobstrução metodológica impõe a inversão radical do enfoque: as relações de produção da economia colonial precisam ser estudadas de dentro para fora, ao contrário do que tem sido feito, isto é, de fora para dentro [...] A inversão do enfoque é que permitirá correlacionar as relações de produção às forças produtivas em presença e elaborar a categoria de modo de produção escravista colonial na sua determinação específica.

Barros de Castro

Diante do que precede, que dizer do “sentido da colonização”, definido, seja por mercadores, seja pela política colonial? A serem válidas estas colocações, a vida material da colônia seria algo amorfo, uma matéria sem consistência própria, indefinidamente plasmada e replasmada em função de interesses externos. Mas esta concepção parece ser fundamentalmente equivocada.



Barros de Castro

A produção em massa de mercadorias cria raízes no Novo Mundo, objetivando-se sob a forma de um complexo aparato produtivo. O objetivo maior desta realidade – o seu “sentido” se se quiser – lhe é agora inerente: atender as suas múltiplas necessidades, garantir a sua ‘reprodução’.

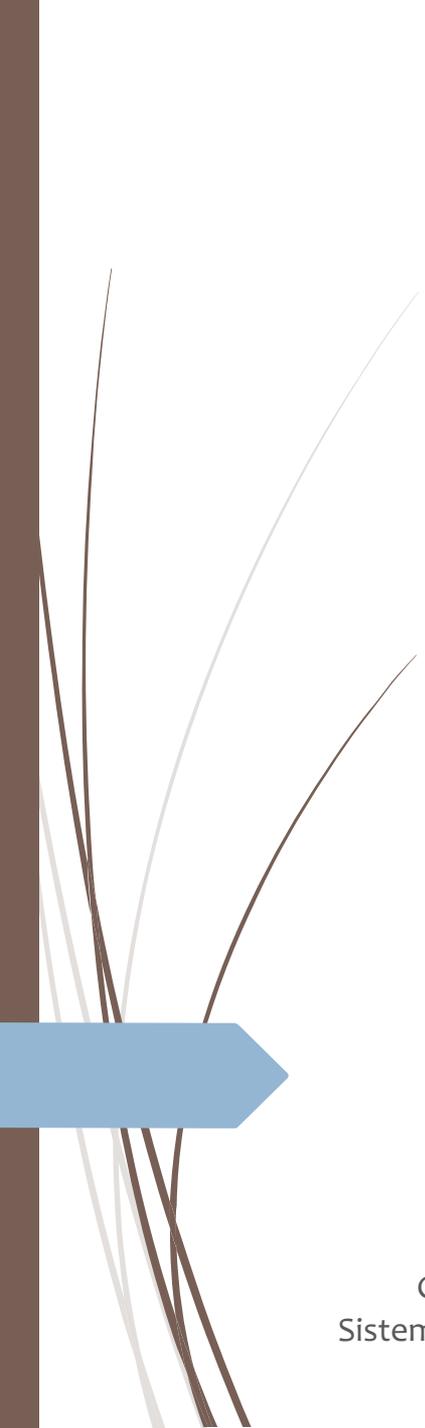
Barros de Castro

Em tais condições, o comércio é estruturalmente recolocado e os interesses mercantis – bem como os da Coroa – terão necessariamente que ter em conta as determinações que se estabelecem ao nível da produção. Em outras palavras, a forma pela qual os interesses externos atuam sobre a colônia passa a depender “primeiramente da sua solidez e da sua estrutura interna”.

Ciro Cardoso

As sociedades que se constituíram na América Latina e nas Antilhas em decorrência do surto comercial e colonizador da Europa moderna colocam o pesquisador interessado no seu estudo diante de um verdadeiro dilema. Tais sociedades só revelam o seu pleno sentido se foram consideradas como integrantes de um sistema mais vasto, na medida em que surgiram como anexos complementares da economia europeia [...]

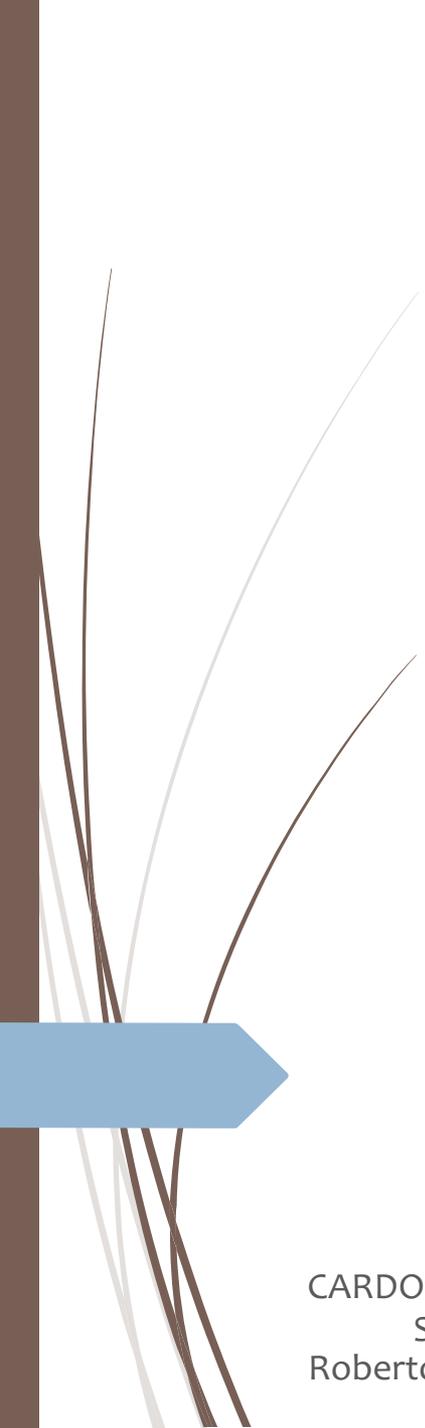
CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, pp. 109-110.



Ciro Cardoso

Mas também é verdade que as atividades de conquista e colonização tiveram como resultado o aparecimento de sociedades cujas estruturas internas possuem uma lógica que não se reduz exclusivamente ao impacto da sua ligação com o mercado mundial em formação e com as metrópoles europeias.

CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 109-110.



Ciro Cardoso

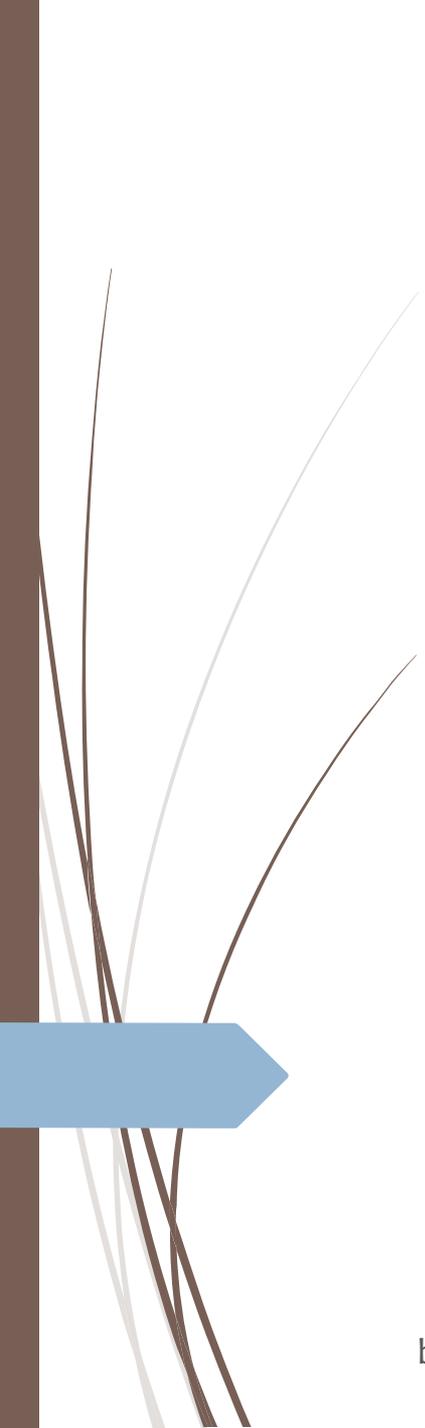
Por isso, a sua concepção em termos de anexos complementares, de partes constitutivas de conjuntos mais amplos, mesmo sendo – como é – um momento central da pesquisa, é claramente insuficiente.

CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, 110.

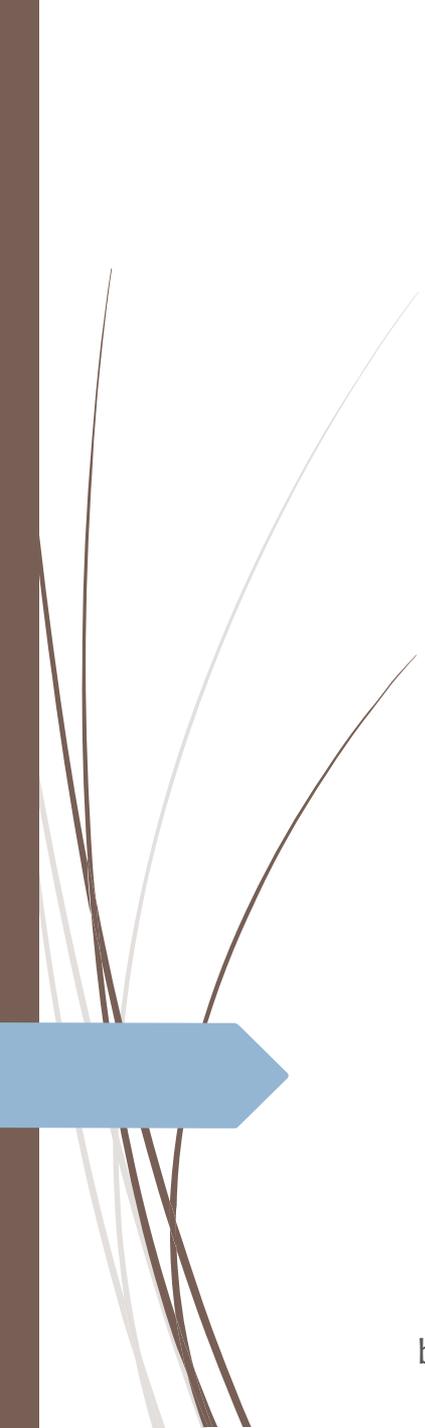
Ciro Cardoso

Sem analisar as estruturas internas das colônias em si mesmas, na sua maneira de funcionar, o quadro fica incompleto, insatisfatório, por não poderem ser explicadas algumas das questões mais essenciais (como o porquê das ‘diferenças’ profundas constatáveis na época colonial como na atualidade, entre as estruturas econômico-sociais do México, da Costa Rica e do Brasil, por exemplo).

CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do “sistema econômico mundial” e do “Antigo Sistema Colonial”: a preocupação obsessiva com a “extração de excedente. In LAPA, José Roberto do Amaral. (org) Modos de produção e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1980, 110.



[...] as críticas acima reproduzidas convergiram ao propugnar a “insuficiência” – apropriemo-nos, pois, da qualificação utilizada por Ciro Cardoso – do paradigma.



Novas gerações de estudiosos de nossa formação econômica e social foram buscar, digamos assim, as informações, os números e as quantidades, ausentes das análises de Caio Prado, em uma profusão de fontes primárias, as quais não eram desconhecidas, mas decerto não haviam sido até então exploradas em toda a sua riqueza.



A produção historiográfica recente

- Fontes primárias, recursos tecnológicos
 - Grandes interpretações *versus* a “cultura da monografia”
 - Ciência normal? Efeitos da ditadura?
 - Resultados monográficos questionando os grandes paradigmas?
 - O escravismo da d. Ana
- 